

LUCIANE MUNHOZ DE OMENA.

AS ESTRATÉGIAS DE AFIRMAÇÃO SOCIAL DAS MULHERES NO
SÉCULO II d. C. NO ROMANCE *O ASNO DE OURO*, DE
APULEIO.

Monografia apresentada ao curso de história da
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO
PRETO como parte dos requisitos para a
obtenção do grau de Bacharel em História.
ORIENTADOR: Prof. Fábio Faversoni.

DEPARTAMENTO DE HISTORIA.
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO.

MARIANA/1998

LUCIANE MUNHOZ DE OMENA.

AS ESTRATÉGIAS DE AFIRMAÇÃO SOCIAL DAS MULHERES
NO SÉCULO II d. C. NO ROMANCE *O ASNO DE OURO*, DE
APULEIO.

Monografia apresentada ao curso de história da
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO
PRETO como parte dos requisitos para a
obtenção do grau de Bacharel em História.
ORIENTADOR: Prof. Fábio Favversani.

DEPARTAMENTO DE HISTORIA.
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO.

MARIANA/1998

A meus pais e orientador.

RESUMO

Esta Monografia de Bacharelado em História do Género na Antiguidade Clássica se propõe analisar as estratégias de afirmação social das mulheres no século II d. C. no romance *O asno de ouro*, de Apuleio. A escolha do tema proposto se efetivou após a apresentação de várias estudos historiográficos que atribuíam à mulher o papel de um mero objeto decorativo da casa, sem qualquer significação social. Apuleio, contudo, revela-nos uma preocupação excessiva com o declínio da instituição matrimonial em função da emancipação feminina. Para tanto, escolhi as personagens Panfília, Birrena, Psique, a "esposa do jornaleiro", Fótis e Méroe, que representam o universo feminino no Mundo Romano.

SUMÁRIO.

I. APRESENTAÇÃO	07.
II. Bibliografia sobre o estudo da mulher na Antiguidade Clássica	09.
II.I Perspectiva Historiográfica Contemporânea	13.
III. Vida e obra de Lúcio Apuleio	18.
III.I. A utilização de fontes literárias	18.
III.II. Alguns aspectos da vida de Apuleio	19.
IV. Resumo da obra <i>O asno de ouro</i>	22.
V. O casamento romano no século II d. C.	28.
VI. As mulheres ricas e suas estratégias matrimoniais	39.
VII. Psique: uma esposa que foi endeusada	49.
VIII. As estratégias de afirmação das mulheres pobres	58.
IX. Conclusão	71.
X. Bibliografia	76.

Monografia de Bacharelado apresentado ao Departamento de História da
Universidade Federal de Ouro Preto, sendo avaliadores os seguintes
professores:

Prof. Fábio Faversani.
Orientador.

Prof. Aldo Eustáquio Assir Sobral.

Prof.^a Guiomar de Grammont.

I - Apresentação.

Este trabalho tem por objetivo analisar as estratégias femininas de afirmação social através do romance *O asno de ouro*, de Apuleio. Damos ênfase à situação da mulher no casamento romano. A fonte revela-nos, a partir de suas personagens, verdadeiras estratégias de atuação como fruto da influência das mulheres dentro do "seio familiar matrimonial". Esta capacidade feminina de interferir na vida social contrariava o que parecia mais correto para Apuleio, que era partidário de uma forma de funcionamento mais tradicional do casamento. Apuleio mostra as transformações vividas pela instituição matrimonial no que se refere ao lugar da mulher em seu interior. A historiografia, hegemonicamente, representa uma mulher subjugada ao poder masculino, à moda do que seria o casamento romano em seus moldes tradicionais. Mas Apuleio mostra-nos, lamentando e criticando, uma nova situação feminina no interior do casamento. É essa nova situação que estudaremos nessa Monografia, Organizaremos a exposição dessa análise seguindo o percurso seguinte: apresentaremos a bibliografia sobre o estudo da mulher na Antiguidade Clássica, onde procuraremos fazer um balanço das leituras feitas pelos historiadores. A seguir, procurando uma melhor compreensão de nossa fonte, faremos um breve exame da vida e obra de Lúcio Apuleio. Nesse ponto, partimos para o exame do casamento romano no século II d.C. Seguem-se a análise específica da fonte, dividida em três partes: a) As mulheres ricas e o casamento em *O asno de ouro*, de Apuleio; b) Análise de Psique, que é a personagem mais estudada do romance pela bibliografia que consultamos; c) As estratégias de afirmação social das

mulheres pobres no interior do casamento romano no século II d. C. Encerramos essa Monografia com uma conclusão, onde se pretende estabelecer um balanço dos resultados que pudemos aferir ao longo de nossa pesquisa.

II. - Bibliografia sobre o estudo da mulher na Antiguidade Clássica.

Um dos principais problemas que se apresentou para o desenvolvimento desse trabalho é algo que não se restringe à nossa pesquisa específica, mas a virtualmente todas aquelas que têm sido realizadas em História Antiga Greco-Romana: trata-se da questão da classificação social. Para que seja possível fazer uma análise globalizante da obra que estudaremos, precisamos de um instrumento que nos autorize a posicionar relativamente os diversos personagens encontrados ao longo do romance que elegemos como fonte. A nossa hipótese é de que as estratégias femininas no interior do casamento - e o próprio casamento - devem sofrer modificações de acordo com a posição social dos cônjuges. Para testar tal hipótese, é preciso que tenhamos um instrumental analítico-conceitual para colocar em comparação os diversos agentes que serão objetos de análise. Assim, dedicaremos, nesse momento, breves palavras à situação da taxinomia social em nosso campo de estudos, por crermos que nosso trabalho também se justifica por se inserir em um esforço de revisão dos categoremas sociais em uso pela historiografia da Antiguidade.

A história social da Antiguidade apresenta uma crise metodológica no que se refere à taxinomia social e à capacidade de compreendermos as ações coletivas em sociedades da Antiguidade. Os pesquisadores têm adotado quatro soluções básicas para este impasse: a - limitar-se à utilização das categorias utilizadas pelos membros das elites do Mundo Antigo, dando para esses, por vezes, a denominação de estamentos; b- reduzir as análises ao empirismo, saindo dele apenas através de "insights", cuja comprovação detida ou possibilidade de utilização para fins

comparativos mais amplos são limitadíssimas; e- seguir tentando utilizar uma categoria analítica, ou seja, a de classe social, cujos limites têm se mostrado, até aqui, inexcedível; ou d- buscar criar categorias analíticas alternativas que possam satisfazer as necessidades de compreensão das potencialidades ou efetiva ocorrência de ações coletivas dos agentes sociais. Por tudo quanto temos lido¹, cremos que a primeira e a segunda soluções para o problema só são soluções para aqueles que não são partidários de uma história científica e transformadora, inviabilizada nos marcos apontados por esta; a terceira é positiva, mas encontra limites para os quais não encontramos solução possível; restando, assim, a quarta, que tem um mérito decisivo: praticamente não tem sido experimentada e que, por nos parecer promissora, é uma perspectiva de análise que merece ser testada.

Deste modo, adotaremos a alternativa de classificação dos personagens colocados em ação pelas relações diretas de poder, à moda do que foi feito por nosso orientador em sua já citada Dissertação de Mestrado. Estaremos, assim, testando o efetivo alcance da alternativa por ele apresentada, à medida que aplicaremos a uma fonte diversa e com preocupações diferentes.

Como acontece com os diversos campos do estudo da história, os estudiosos do Mundo Romano têm apenas recentemente atentado à importância das personagens femininas para a compreensão do universo social. Esse redirecionamento serviu para revisar algumas convicções produzidas por séculos de produção historiográfica que insistiu em afirmar que as mulheres não tinham qualquer participação no curso da

¹ Para maiores detalhes acerca dessa discussão, Cf. FAVERSAM, Fábio. "Trimalchio, classe e estamento". *Revista de História*, São Paulo, 134 (1996), no prelo.

História em função de sua posição dentro da estrutura social. A mulher, controlada pelos homens, limitar-se-ia a criar seus filhos para que, eles sim, fizessem a História. Toda a atuação feminina seria, dessa forma, completamente secundária e, por isso tudo, pouco digna de atenção. Os estudos mais recentes, ao valorizarem a participação da mulher no mundo social, têm colocado à luz a importância de sua atuação em vários níveis.

Contudo, no caso da Antiguidade Romana temos especificidades que vale a pena ressaltar. Ainda que, nesse campo específico de estudos, a mulher tenha sido sempre vista como apêndice doméstico do homem, que raras vezes se subtrai à sua posição de *domina domi* e, quando o faz, é para prejuízo do "bem público" (como exemplos disso, temos figuras como Agripina e Messalina, entre outras). A Antiguidade Romana faz-se um caso à parte. Vejamos por que. Em primeiro lugar destacaríamos a pobreza documental. Não há, para nosso período, quase nenhum texto produzido por mulheres. As poucas exceções nos remetem, basicamente, a uma documentação fragmentária e de difícil interpretação, que foi trazida aos eruditos pelo trabalho dos arqueólogos (como as cartas da Bretanha e as intervenções parietais de Pompéia- *Corpus Inscriptionum Latinarum*, IV, inter alios). A fixação de uma "tradição clássica masculinizada" é produto, não só da documentação, mas também de uma modalidade específica de reconstrução do Mundo Clássico, iniciada no Renascimento e que se mantém até hoje, que elegeu esse passado como paradigmático. O mundo Antigo, nessa perspectiva, seria o berço e modelo de muito do que o Mundo Contemporâneo conhece e, como não poderia deixar de ser, tornou-se fundamental para essa perspectiva afirmar que as mulheres desse passado

brilhante souberam ocupar seu devido lugar, isto é, um lugar fora da História. Essa representação, tão importante para a construção da História Cultural do Ocidente, levou a que a convicção geral da mulher não deve ser estudada fosse mais forte para a Antiguidade do que qualquer outro período. Isso faz com que a revisão crítica desta perspectiva tradicionalista de compreender o papel social de metade da humanidade (as mulheres) seja mister para o Mundo Antigo.

Essa necessidade de revisão nos levou a produzir um recorte analítico que nos colocasse em contato com uma das convicções lapidares da historiografia tradicional, isto é, que o casamento seria o meio através do qual os homens anulariam as mulheres. Nosso objetivo é tentar nos aproximar do casamento romano através de uma fonte literária e procurar identificar nessa instituição quais eram as estratégias femininas de sobrevivência e afirmação. E é esse aspecto de nossa pesquisa que nos leva a uma segunda ordem de questões que nos referimos no início, ou seja, a necessidade de realizar uma revisão no instrumentos analíticos-conceituais para a análise das sociedades antigas. Assim, poderemos contribuir para o aperfeiçoamento ou, se for o caso, reavaliação dessa alternativa.

II.I - Perspectiva Historiográfica Contemporânea.

O universo feminino em Roma tem sido tratado pela historiografia apenas recentemente. As interpretações que se têm produzido ainda não chegaram a consolidar pareceres significativos. Um dos poucos consensos é aquele que desenha mulheres que não são capazes de responderem por si. As mulheres são apresentadas sempre como vinculadas a um elemento masculino que as conduz em suas ações mais cotidianas. Contudo, creio que este tipo de abordagem é, em si, pouco fundamentado na realidade vivida desta sociedade. O trabalho indicou que essa visão é derivada da aceitação do que rezam as normas legais como retrato da realidade. Nosso trabalho procurou ser mais sensível à regularidade do que ao regulamentar.

O estudo das mulheres na Antiguidade Clássica é moldado sob os parâmetros da submissão. As relações e ações femininas são banalizadas ao extremo. Esta tradição historiográfica apoia-se em uma aceitação unívoca da idéia de autoridade do *pater familias* como realidade concreta da vida familiar. De fato, segundo estas pesquisas, os homens reprimiam suas mulheres com tanto êxito, que elas não chegavam a ter qualquer tipo de estratégia que extrapolasse os limites dos costumes patriarcais. Examinemos alguns dos historiadores filiados a esta proposta, como: Paul Veyne, M. I. Finley, Aline Rousselle.

Paul Veyne define o casamento romano como "ura ato privado (...) nenhum poder público deve sancionar (...) um ato não escrito (não existe contrato de casamento, mas

apenas um contrato de dote)".² Além do dote, a instituição podia oferecer a sucessão e a perpetuação do núcleo de cidadãos, contanto que estes fossem gerados pelas justas bodas, ou seja, os descendentes tinham de ser legítimos. Apesar de ter enfatizado o matrimônio, sua discussão está centrada na moral estóica, que estabelece um tratamento diferenciado daquele que era dado anteriormente à esposa. Contudo, tal mudança não a colocou em condição de ter a mulher alguma capacidade de afirmação.³

A partir do século I d. C, a moral prescrevia que o marido deveria oficialmente respeitar sua mulher, pois não seria mais um instrumento do dever cívico, e sim, uma companheira. Todavia "só lhe resta continuar racional; quer dizer, conhecendo sua inferioridade natural, obedecer, o esposo a respeitará como um verdadeiro chefe respeita seus auxiliares devotados, que são seus amigos inferiores".⁴ Ou seja, "la femme n'était pas non plus la parede, maîtresse da la maison; c'était une mineure que le mari gouvernait comme il gouvernait ses clients e afranchis"⁵. E acrescenta,

la très grande liberte des moeurs dans l'aristocratie du Haut-Empire, et sans doute dans la plebe urbaine, n'a evidenment rien à voir avec une émancipation de la femme et avec une élévation de celle-ci en dignité: les femme sont et demeurent des petites créatures⁶.

Dentro desta mesma perspectiva, Finley, afirma que a análise das mulheres na Antiguidade é de difícil realização. Quase não há documentação. Aquela que existe

² VEYNE, P. *História da vida privada: do Império Romano ao Ano Mil*. São Paulo: Companhia das letras, 1989. p. 45.

³ Ibid, p. 47.

⁴ Ibid., p.49.

⁵ VEYNE, P. *La société romaine*. Paris: Éditions du Seuil, 1978. p. 96.

⁶ Ibid., p. 100.

mostra que as mulheres não teriam muito a dizer se às próprias mulheres fosse permitido falar por si mesmas. Como exemplo desse seu entendimento, Finley cita um epitáfio:

amigo, não tenho muito a dizer; pare e leia. Esse túmulo, que não é belo, é de uma bela mulher. Seus pais deram-lhe o nome de Cláudia. Amou seu marido de coração. Dele concebeu dois filhos, um dos quais deixou sobre a terra, e o outro abaixo dela. Agradável de se conversar, e andava com graça. Cuidava da casa e trabalhava a lã. Isto é tudo. Pode ir.⁷

Para Finley, é inconcebível uma mulher que utilizasse estratégias de afirmação social em um universo tão restrito. O pesquisador em questão diz que as mulheres

"não possuíam [nem sequer] nomes individuais⁸ (...) até uma época relativamente tardia. Na verdade, é como se os romanos quisessem sugerir (...) que as mulheres não eram ou não deveriam ser indivíduos genuínos, mas apenas frações de uma família. Mesmo porque, a maioria das Cláudias aceitava e até mesmo defendia seus homens, elas não conheciam outro mundo".⁹

A tamanha insignificância atribuída às mulheres, por estes autores, é corroborada por Aline Rousselle. Para ela,

"as mulheres não contavam como unidades a considerar. Apenas no século III quando Diocleciano ordenou o recenseamento de toda a população do Império a fim de cobrar impostos de capitação, fez contar as mulheres, de maneira desigual: na Trácia, por exemplo, duas mulheres valiam um homem nos domínios rurais".¹⁰

Além disso, sustenta que as mulheres das camadas favorecidas e as da alta sociedade são educadas para a continência sexual no futuro - depois de terem gerado três filhos - fazendo com que ignorem o seu corpo e o seu próprio prazer. Esta prática da

⁷ Inscrição tumular ver em: FINLEY, M I. "As silenciosas mulheres de Roma". *Aspectos da Antiguidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1991 p. 150/151.

⁸ É sabido, no direito romano, que as mulheres não tinham descendência legítima, incapazes pela mesma razão, de ter herdeiros "seus", isto é, descendentes que lhes sucederiam intestados, de pleno direito e automaticamente. As incapacidades da mulher romana não seriam senão uma tradução institucional da situação inferior da mulher a que ela se encontrava relegada por uma sociedade de dominância masculina". Ver em THOMAS, Yan. "A divisão dos sexos no direito Romano". In: DUBY, G. & PERROT, M. *História das Mulheres (Antiguidade)*. Porto: Afrontamento, p. 127/202. Sabemos que havia tais órgãos repressores, contudo, é exagerado pensar, que as mulheres não reagiam a estas instituições masculinizadas.

⁹Ibid.,p. 151.

continência da classe alta acaba por converter-se em sinal da sua distinção. Logo, não há lugar para escolha: uma mulher não escolhe o celibato, não escolhe o casamento, a maternidade e nem sempre escolhe sua nova união depois de viúva. Tal idéia nos parece estranha. Ao lermos Pierre Grimal, temos que:

durante muito tempo cias permaneceram submissas, mas, depois que várias maternidades aumentavam seu prestígio, quando chegavam à maturidade e viam-se livres da ciumenta ascendência das parcntas mais velhas, sua desforra era fulminante. Nesse momento os maridos, que por muitos anos tinham dominado sua juventude, tornavam-se vítimas dessa revolução doméstica¹²

A historiografia, assim, apresenta a mulher submissa em tudo aos homens.

Quando não é submetida pelos homens, é malévola para eles!

O estudo dos vínculos matrimoniais romanos tem dado ênfase a três aspectos bem restritos dentre aquelas passíveis de análise. Quase todos os autores têm se debruçado sobre as famílias mais importantes do Mundo Romano, em especial, aquelas que se compunham dentro de ambiente palaciano imperial. Quando não, a preocupação analítica recaí sobre a estrutura jurídica do casamento (sua realização, dissolução e gestão do dote). Por fim, a terceira preocupação fundamental dos estudiosos volta-se ao problema da idade com que as mulheres se casavam.

A nossa preocupação difere dessas predominantes. Observamos que a família, que se constitui como um importantíssimo núcleo de poder, pode ser uma alternativa usada pelas mulheres para levar a cabo uma estratégia de afirmação que lhes assegure maior

¹⁰ ROUSSELLE, Aline. "A política dos corpos: entre procriação e continência em Roma". In: DUBY, G. & PERROT, M. *História das Mulheres (Antiguidade)*. Porto: Afrontamento, p. 353.

¹¹ Ibid., p. 385.

¹² GRIMAL, P. *O amor em Roma*. São Paulo: Martins Fontes, 1991. p. 99.

autonomia social. Nossa pretensão é trazer à luz as aspirações e estratégias desenvolvidas no âmbito do casamento pelas mulheres ficcionalmente construídas por Apuleio.

III. Vida e obra de Lúcio Apuleio.

III. I. A utilização de fontes literárias

O recurso à utilização de uma fonte literária merece uma justificativa à parte. Trata-se de uma estratégia que tem sido utilizada com frequência pelos estudiosos da Antiguidade para tentar se aproximar de realidades que a parca documentação existente para o Mundo Romano faz demasiado fragmentária. É o caso, como já pudemos destacar, da mulher no Mundo Romano. Mas não é apenas isso que justifica essa opção. A tradição literária antiga de carácter não-ficcional, exatamente por pretender se ater aos fatos, acaba por ser incapaz de criar um quadro geral das instituições que retrata. A ficção, por sua vez, ao pretender tornar verossímil essas situações, produz retratos do que parecia ao autor e aos seus leitores o que era tipificante dessas. Em outras palavras, quando um autor não ficcional retrata uma mulher, ele restringe a ela e o faz porque ela é excepcional (caso contrário não mereceria atenção). É por isso que essa literatura nos legou tantos retratos de Agripina, por exemplo.

Já, quando Apuleio descreve uma mulher casada com um homem pertencente à elite municipal de uma cidade provinciana, ele não pensa em nenhuma esposa particular, mas em várias. Compõe sua personagem de tal forma que ela fique parecida com qualquer uma que ocupe aquele espaço social. Esse tipo de fonte, pretende tornar plausível o quadro geral das situações, isto é, produz retratos do que parecia ao autor e

aos leitores o que era típico do período. Isso é visto claramente em *O asno de ouro*. Nessa obra, interessa ao autor criar uma narrativa fantástica acerca da metamorfose de um homem em asno. Sua intenção é produzir uma lição moral com a narrativa. Para tanto terá que reduzir os elementos de realidade que o cercavam ao nível do comum do rotineiro para, a partir deles criar o fantástico. Esse elemento de absurdo, de distante da realidade contido no fantástico tem que ser óbvio para cumprir seu papel de *exemplum*. A lição moral de Apuleio mostra ao leitor os absurdos de seu tempo. Para servir de lição tem que, naturalmente, parecer com seu tempo. Um quadro inverossímil do início ao fim levaria o leitor a estranhar a narrativa, senão a tomá-la como algo incompreensível. Isso garante que o leitor, ao reconhecer a personagem, se interesse pelas suas ações. O mesmo recurso usado por Apuleio é uma constante na literatura satírica romana.¹³

III. 2 Alguns aspectos da vida de Apuleio

Por tudo isso, torna-se indispensável traçar aqui um breve retrato da obra e de seu autor, que mostre ao leitor não familiarizado à sua leitura toda a riqueza que essa traz para os nossos interesses de pesquisa.

Em Madaura, cidade localizada na Ásia, nasce Lúcio Apuleio entre o primeiro e o segundo século II d. C. Este homem foi um dos representantes típicos no mundo Latino. Apesar de ser Africano, tem o nome de origem romana. Conclui seus estudos em Cartago, onde se embebeu de todas as correntes retóricas, místicas e pseudofilosóficas. A

¹³ Para maiores detalhes e discussão da bibliografia pertinente a esse respeito, Cf. F A VERSAM, Fábio. *A pobreza no Satyricon de Petronio*. São Paulo: FFLCH-USP, 1995. (Dissertação de Mestrado).

denominação "pseudofilosófica" refere-se a um esforço de síntese entre a filosofia neoplatônica e a cultura mística do culto à deusa Isis. Em *Apologia*, entre outras obras, apresenta-se como filósofo neoplatônico. Posteriormente, em *O asno de ouro*, conclui sua elevação espiritual, com sua conversão ao culto de Isis. A sua adesão progressiva à escola mística não significou, contudo, uma renúncia ao neoplatonismo.

Na realidade, Apuleio interessa-se pelo Platão místico, ou seja, aquele que tenta explicar as matrizes do cosmos, interpretando-as nas formas do neopitagorismo e de todas as orientações místicas para realizar a interpretação mística do mundo, através de seus mitos imaginosos.

Em *O asno de ouro*, o protagonista, Lúcio, afirma sua origem grega, declara descender, por parte de mãe, de Plutarco e do filósofo Sexto. Afirma, ainda, ter estudado latim em Roma. Por isso, muitos acreditam que o autor tenha vivido as aventuras relatadas no romance. Contudo, o livro é uma reelaboração livre de Lúcio de Patras, modelo de Apuleio. E a referência à aprendizagem do latim é uma indicação da veste latina da obra.

O único fato que deve ter caráter autobiográfico, é o envolvimento com a magia, discutido em *Apologia*, também de Apuleio. Além dessa insistência com relação à magia em sua obra, é preciso lembrar de um importante episódio da vida do autor, que mostra ser ele iniciado nas práticas mágicas. Apuleio fez uma viagem de Cartago a Alexandria, parando em Oea, por convite de seu companheiro Ponciano. Conhece a mãe deste, Pudentila, que se apaixona pelo jovem retor. Ponciano acusa Apuleio de, através das

práticas mágicas que conhecia, ter tirado a sensatez à madura Pudentila, forçando-a ao casamento, por avidez de dinheiro. Teria, ainda, feito morrer Ponciano, que se apôs a seus planos. Após três anos, o processo foi a julgamento em Sábrata. Apuleio fez sua própria defesa, sendo absolvido.

Todas essas acusações evidenciam seu envolvimento com a magia. Possivelmente, se tivesse escrito antes *O asno de ouro*, seria condenado. Daí a ênfase dada por Apuleio à magia e ao casamento, os dois elementos que foram tão importantes para ele.

IV. Resumo da obra *O asno de ouro*.

Neste sentido, o livro relata a viagem do protagonista Lúcio, de sua pátria à Tessália¹⁴. Nessa terra, hospeda-se na casa do senhor Milão,

"um homem que possui haveres em abundância, mas desacreditado por sua extrema avareza e sórdida baixeza (...) Tem, não obstante, uma esposa, companheira de sua calamitosa existência. Ele não sustenta senão uma pequena escrava".¹⁵

Sua esposa, Panfília, era uma feiticeira. Milão, contudo, não sabia de seus exercícios de magia. Somente a escrava Fótis que a auxiliava em suas metamorfoses. Lúcio, por outro lado, interessava-se pelos cultos místéricos. Então, aproxima-se de Fótis que já demonstrará por ele alguma afeição: "Ontem à tarde, ainda, quando caías de sono, ela gentilmente te conduziu ao teu quarto, te pôs no leito com gesto brando, te cobriu de ternura".¹⁶ Como já é esperado, a escrava ajuda-o em seu intento, pretendendo transformá-lo em um pássaro. Mas, através do uso equivocado das poções mágicas, Fótis o transforma em um asno. Temendo a volta de sua senhora, Fótis esconde Lúcio-asno na estrebaria, junto ao seu cavalo e mais um burro, pertencente ao hospedeiro Milão. Ficaria ali até que a escrava providenciasse remédio para o mal causado¹⁷. Nesse ínterim,

¹⁴ Tessália era considerada a terra das artes mágicas.

¹⁵ APULEIO, Lúcio. *O asno de ouro*. Rio de Janeiro: Ediouro, s/d. p. 25.

¹⁶ *Ibid.*, p. 31.

¹⁷ Posterior a sua transformação em asno, Lúcio caminhava em um mercado, quando, depara-se com "uma mulher, seguida de numerosa famulageirT. Impressionado com sua riqueza, passa a segui-la. Ao lado dela, caminhava um ancião que o reconhece: "Por Hércules, sim, é Lúcio". A dama, Birrena, aproxima-se e revela ser sua parente, convida-o a ir até sua residência. Ao conversar com seu enteado,

bandidos da montanha, atacam a casa de Milão, matando-o. E roubam os três animais para levar as coisas que tinham roubado.

Após o roubo dos animais, Lúcio, que fora transformado em burro, é levado à caverna, que servia como esconderijo do bando. Ali encontram uma velha que chefiava os bandidos¹⁸. Acabavam de se instalar, quando um novo grupo se aproxima com uma mercadoria um tanto diferente, "uma moça com um altivo ar de nobreza, pertencente, como indicavam seus modos de mulher de sociedade, a uma das grandes famílias do país"¹⁹. Tinham a intenção de receber dinheiro em troca da jovem. A moça estava temerosa, principalmente por não crer que conseguiria rever o homem com quem se uniria pelos laços matrimoniais. A responsável pelo bando, com a intenção de acalmá-la, conta a história de Psique e Cupido.

A beleza inestimável da jovem Psique provocou a ira da deusa Vénus, pois o povo passou a adorá-la e, como consequência, abandonou o seu culto. Havia ainda um agravante: sua beleza intimidava todos os pretendentes ao casamento. A infelicidade aproximou-se cada vez mais da jovem Psique. Seu pai, o rei, recebe uma ordem do oráculo:

*Nec speres generitum mortali stirpe creatum, sed saevum atque ferum uipereumque
mahtum, quod pinnis uolitans super aethera cuncta fatigai, jlammaque et ferro singula*

alerta-o dos perigosos artifícios de Panfilia, sua hospedeira. Esta revelação fez com que aguçasse mais sua curiosidade, a ponto de aproximar-se da escrava Fótis por motivos escusos. Ver em, Apuleio, *op. cit.*,

p. 28-55.

¹⁸ Lúcio sob a forma de asno observa que: "Havia lá uma velha, curvada ao peso dos anos, que parecia encarregada de cuidar, ela sozinha, pelo bem-estar e pela vida de toda aquela súplica de moços". Apuleio, *op. cit.*, p. 61.

¹⁹ *Ibid.*, p. 69.

debilitai, quod tremat ipse locus quo numina terrificantur, Illuminaque horrescunt et Stygiae tenebrae" &&&²⁰

Para que livrasse o reino dos males infligidos pela cólera da deusa. No momento do sacrifício, a moça é salva do choque mortal por Zéfiro, que com seu doce hálito, a deita na relva florida. Ao acordar, caminha por um bosque, onde encontrou um palácio real edificado pela arte divina. Admirada com aquele esplendor, ouve uma voz destituída de corpo, dizendo: "Tudo isto te pertence (...) Nós, estas de quem ouves a voz, somos tuas escravas"(...) ²¹. E, assim, esperou o momento de sua grande noite de núpcias, no qual tornar-se-ia esposa de um desconhecido. Após a união, Psique isolada em seu castelo, sentia-se cada vez mais solitária. Após muito insistir com seu marido, cuja identidade era-lhe ocultada, é autorizada a receber suas irmãs. Induzida por estas e movida por sua curiosidade, decide iluminar o rosto de seu amado esposo. Descobrendo, assim, que casara-se "com o adorável monstro. Cupido em pessoa, o deus formoso que formosamente repousava" ²². Seu marido divino havia dado uma única ordem a sua esposa: não procurar conhecer seu rosto. Só incógnito seria seu marido. Sendo reconhecido a união era impensável. A restituição à vida marital só seria possível se Psique realizasse uma série de tarefas impostas pelos deuses. As suas irmãs, invejosas da sorte alheia, foram levadas à morte. Cupido é punido por desobedecer a ordem de sua mãe, Vénus, que era de levar Psique à morte, e não ao matrimônio. Daí a deusa passou a

²⁰

"Sobre o rochedo escarpado, suntuosamente enfeitada, expõe, rei, a tua filha, para as núpcias de morte. Então, ó rei, não esperes para teu genro, criaturas originadas de mortal estirpe, mas um mostro cruel e viperino, que voa pelos ares. Feroz e mau, não poupa ninguém. Leva por toda parte o fogo e o ferro, e faz tremer a Júpter, e é o terror de todos os deuses, e apavora até as águas do inferno, e inspira terror às trevas do Estige". Id. Ibid, p. 74. ²¹ Ibid., p. 77.

perseguir Psique pessoalmente, até que cumprisse as suas provas. Cumpridas suas obrigações, Psique tornou-se imortal e, chegado o momento, deu à luz a uma filha chamada Volúpia.

Depois deste conto que a velha narrou, o burro tentou salvar a moça raptada, mas não conseguiu fazê-lo. Contudo, o noivo, faz-se de ladrão, salvando-a e prendendo seus agressores. Como prêmio, o moço-asno foi conduzido pela moça para sua casa, recebendo ali bom tratamento.

Contudo, Lúcio foi roubado mais uma vez. Uma tragédia se abate sobre aquela casa. Os escravos de Caridade fugiram por temer serem responsabilizados pela morte de seus senhores. Narram a rústicos que os atacaram por crerem que eles eram perigosos ladrões o triste fim que tiveram Caridade e seu esposo. A jovem fora galanteada por um nobre rapaz, com situação brilhante e de amplos recursos; mas era libertino, gozador, sedutor de moças e grande bebedor. Mas ele não foi correspondido pela moça. Os pais não permitiram a união desejada por Trasilo, concedendo-a ao honesto Tlepólemo. Trasilo tira a vida de seu rival, mas produz um engano: afirma que a morte teria sido acidental. A moça em prantos, descobre o verdadeiro motivo da morte e, por vingança, enterra a espada no coração daquele homem maléfico. Logo após o incidente, tirou a própria vida para ir de encontro a Tlepólemo, junto aos mortos.

Todavia, Lúcio vai parar na casa de um jornaleiro, da mais extrema pobreza, cuja esposa recebia em sua casa um amante. Porém, o homem, que saíra ao trabalho, voltou inesperadamente, encontrando sua casa fechada. A mulher, ladina e astuciosa, escondeu o

²² Id. IbiA, p. 85.

amante em um *dolium*. Contudo, o marido veio acompanhado de um comerciante, que desejava comprar aquele objeto. A falaciosa mulher convenceu seu companheiro em não vendê-la, pois recebeu uma oferta de venda que ultrapassava os seis denários oferecidos ao marido, e que, o comprador estava examinando a peça. O esposo admirado com o valor de sete denários, tira a roupa e se oferece em verificá-lo. O adúltero, mais que depressa, aceita a gentileza para continuar o coito interrompido:

ela mostrava com o dedo os lugares para limpar, até o momento em que, acabada a dupla necessidade, e pagos os sete denários, o calamitoso obreiro foi obrigado a carregar o *dolium* nas costas até o domicílio do adúltero²³.

Lúcio será vendido a um moleiro. A mulher de seu novo dono é apresentada como uma criatura cruel, mesquinha, bruta, bêbada, teimosa, hostil ao pudor, inimiga da fé. Sob aparências vãs, enganava toda a gente, inclusive ao marido. Bebia de manhã à noite e se prostituía durante o dia. E era acompanhada por uma velha, cúmplice de suas devassidões. Esta narra-lhe a história de Aretéia, que traía o esposo contando que este se demoraria em uma viagem, sendo auxiliada nisso por seu escravo. O marido volta mais cedo do que o esperado, e encontra a casa fechada. O escravo favorece a evasão do amante, e em seguida, abre a porta ao marido enganado. Contudo o adúltero abandonou a sandália no quarto de Aretéia. O cônjuge encontra-a. O que o faz sair, à procura do libertino, que escapa ao flagrante, acusando o escravo de ter roubado sua sandália. A

²³ Ibid, p. 141.

velha não havia terminado a prosa, quando a outra falou: "Feliz da mulher que encontra no amante tanto sangue frio e presença de espírito!"²⁴

Então, depois desta conversa, confirmou-se a vivacidade do audacioso amante da esposa do moleiro. Justamente neste mesmo dia, o marido traído retorna mais cedo do jantar. O amante se oculta e escaparia ileso. O asno indignado com a situação, dá uma pisadela na mão do amante, provocando a revelação da traição. O homem abalado, divorcia-se e expulsa a mulher de casa.

Ao terminar estes episódios, Lúcio acaba nas mãos de um soldado, que o leva para a casa de um decurião de uma pequena cidade. A esposa deste tinha um filho de doze anos e um enteado moço. A paixão da madrasta aflora por este rapaz. Recusada em seus sentimentos, a mulher tenta, então, envenená-lo. Contudo, quem toma o veneno, por engano, é seu filho. Procurando se isentar da punição por seu crime, acusa o enteado do assassinato. Após o julgamento, que o condena, descobre-se os malefícios perpetrados pela madrasta e a condenam ao banimento perpétuo.

Em síntese, são estas aventuras vividas pelo asno. O encerramento de sua peregrinação se dá pela transformação do asno em homem por meio do culto de Isis.

²⁴ Id. Ibid.,p. 148.

V - O casamento romano no século II d.C.

O casamento em Roma foi uma das instituições mais respeitadas e valorizadas no mundo romano. Por quê? O casamento, no universo das elites, envolvia práticas de aliança entre as famílias, tanto em Roma quanto nas províncias. A partir deles surgem as uniões familiares em busca de alianças políticas; a procriação garante a continuidade da família. O casamento pode propiciar, ainda, o aumento do dote para a mulher e sua abertura rumo a uma maior autonomia social, o que contradiz a historiografia que faz menção a uma mulher submissa ao poder do pai ou do esposo. A mulher é apresentada como um ser inteiramente passivo e controlado pela face masculina do universo familiar.

Neste sentido, Aline Rousselle, afirma:

"Que importância tem o pretense progresso do direito da mulher na época imperial, principalmente nas relações patrimoniais com seus filhos, se na realidade dos fatos ela não tem controle nem sobre seu casamento nem sobre seu divórcio?"²⁵

Já no universo popular temos a mesma valorização do casamento, mas algumas características peculiares. Segundo Finley,

"não seria absurdo, portanto, supor que as mulheres das classes inferiores eram mais "emancipadas", mais iguais, senão de direito, pelo menos de fato, e mais, amplamente aceitas como indivíduos que suas irmãs mais ricas, mais burguesas ou mais aristocráticas (...) some-se a isso a necessidade econômica, as más condições de moradia e o fato de trabalharem para viver e não para matar o tempo"²⁶.

Isso proporcionava objetivos matrimoniais distintos entre ambas categorias.

O casamento no século II d. C, funcionará como uma forma de "aquisição de bens" pelas mulheres nobres e uma forma de perpetuar as famílias tradicionais.

Enquanto

²⁵ ROUSSELLE, Aline. *Pornéia: Sexualidade e amor no mundo antigo*. São Paulo. Brasiliense. 1984. p. 12.

²⁶ FINLEY, M.I.. *Aspectos da Antiguidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1991. p. 158-159.

que para as mulheres pobres, que não possuem avultados recursos ou tradição familiar, sua função será diversa, sem que, por isso, perca sua importância. Entretanto, a historiografia praticamente não trata do casamento entre as camadas sociais subalternas.

Uma marca desses múltiplos usos sociais do matrimônio é a existência de três modos diferentes que levavam a mulher à *mamis* do marido: a *confarreatio*, que era a forma mais antiga e que consubstanciava uma união religiosa. Nela é oferecido, pelos esposos, um bolo de espelta a Júpiter na Cúria em presença do sumo pontífice e do sacerdote do deus supremo, o *flamem dialis* e de dez testemunhas. Só em casos muito raros podia ser dissolvida essa união, produzindo a chamada *diferreatio*. Uma segunda forma, era o *comptio*: uma venda simulada da mulher, em que o pai "emancipa" a filha ao marido. E, por fim, havia o *usus*, que, após a coabitação ininterrupta de um ano, produzia os mesmos efeitos legais das outras duas formas. Essas formas variaram muito, de acordo com a época e a situação social dos nubentes. Por exemplo, o *confarreatio* era empregado pela população rica, detentora de tradição e recursos; enquanto o *comptio* e o *usus* eram formas mais populares.

Mas, independentemente da forma pela qual se realizava o casamento e da situação social dos nubentes, a união matrimonial encerrava alguns elementos que lhe davam importância em geral. Podemos sintetizá-los a partir de duas morais que se complementam: "Casar-se é um dever cívico" e "Quem quer ser homem de bem só deve fazer amor para ter filhos; o estado do casamento não serve aos prazeres venéreos". Isso nos remete a própria preocupação de Augusto com a relutância da aristocracia em

produzir descendentes legítimos²⁷. Pois, na verdade, o casamento era uma instituição fundamental, da qual dependia a estrutura de propriedade. Além disso, garantia a manutenção do culto familiar e da instituição da cidadania, que também exigia uma sucessão regular de descendentes legítimos. Ou seja, o casamento assegurava a estabilidade política, na medida em que se formam as uniões entre as famílias e ao mesmo tempo, garante a continuação delas, segundo os padrões tradicionais. Apesar dessa noção do casamento incluir essa esfera do interesse público, ele se constituía em uma instituição privada, onde nenhum poder público podia sancioná-la. A capacidade de intervenção e controle do Estado era mínimo. O casamento comportava ainda um sentido semi-público, pois havia um consentimento da família e da comunidade, conforme o caso, como testemunhas. Isso ocasionará um potencial conflito entre os interesses do núcleo familiar, das famílias das quais provém os cônjuges e do Estado, pois não podiam interferir em uma instituição privada; mesmo porque, "em última instância, somente os cônjuges sabiam se estavam casados"²⁸. Apesar disso, as famílias dos cônjuges possuíam um grande poder de influência na escolha desses contratos. Era a partir deles que se concretizavam os casamentos. Além disso, a julgar pelos juristas, o casamento era uma associação total concluída entre dois seres em sua realidade divina e humana. Para existir, era preciso que o marido e a mulher tivessem o mesmo nível; o mesmo valor aos olhos dos deuses e dos homens. E isso pressupõe a intervenção de juízos que estão para além do nível privado. Essa idéia pode ser confirmada no livro V, de Apuleio, em que a deusa

²⁷ FINLEY, M.I.. *Op. cit.*, 155.

²⁸ VEYNE, P.. *História da Vida Privada: Do Império Romano ao Ano Mil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 46

Vênus irrita-se com a desobediência de seu filho Cupido, por não ter dado a morte a Psique e sim tê-la levado ao casamento. Por causa disso, utilizou-se de seu poder para separá-los, até que Psique cumprisse as tarefas impostas e pudesse tornar-se deusa. Esse episódio do romance, aqui lembrado brevemente, põe a claro a influência da mãe e da comunidade divina para a união entre iguais. No mundo dos homens, não mais existiam as proibições de casamento entre o rico e pobre livre, mas a perpetuação dos costumes, que foram transmitidos de geração a geração em prol das alianças políticas e das próprias linhagens patrimoniais. Por isso que, aos filhos de senadores eram proibidas as uniões com escravas, libertas, prostitutas, proxenetas, atrizes e suas filhas, etc. Isso porque o casamento não era apenas fundamento de um lar, mas envolvia também decisões dinásticas para entrar na carreira pública ou permanecer na vida privada aumentando o património. Reforçando este olhar contratual, tinham a família como algo a ser venerado, devido a sua sagrada importância. Dentro dos domicílios gerados pelos casamentos estão seus altares, seus cultos privados, seus ritos e cerimónias. A partir desses pressupostos, os defensores dos costumes tradicionais tentam buscar os princípios da antiga família. Os conflitos que a própria questão patrimonial trará com o divórcio, um dos princípios motores dessa busca. Essa temática é relevante no momento que se percebe que o casamento, era uma forma de aquisição de bens, em especial no caso da mulher, pois, no decorrer da união, o dote, que se restringia ao universo dos ricos, como algo significativo, podia aumentar e, como consequência, a mulher enriqueceria. Devido a isso, no século II, o divórcio, já era comum a ponto de tanto homens, quanto mulheres poderem praticar o ato do repúdio, isto é, "(...) todo o lago entre um homem e uma

mulher cessa quando deixa de existir o consentimento, a vontade de um ou outro"²⁹. Em suma, era necessário somente avisar o homem ou a mulher da separação, como, por exemplo, alguns autores latinos apontam que

"as mulheres também repudiavam os maridos e, após ditar-lhes sua lei sem piedade, os abandonavam sem escrúpulos, como a volúvel esposa de Juvenal nos apontou com o dedo e que no espaço de cinco outonos colecionara cinco maridos, ou a Tclesina, denunciada por Marcial, que trinta anos após a restauração das leis julianas por Domiciano, casou-se pela décima vez"³⁰.

Isso, para a mulher, proporcionava um aumento em sua riqueza, daí a grande quantidade de divórcios no século II da nossa era. Assim a historiografia indica que a diminuição do adultério, não se deveu às severidades de uma legislação intermitente, mas, ao contrário, às facilidades do divórcio, que, de algum modo, o legitimou por antecipação. Enquanto, para os homens, segundo Grimal, o dote não acrescentava nada a sua riqueza, mas constituía uma simples compensação com o acréscimo de encargos com a chegada de uma jovem a sua casa. A esse pesado encargo, Apuleio explicita no livro II, mais um risco. No conto que Telifrão narrou, a esposa, junto com seu amante, envenenam o seu marido para apoderar-se da herança. Isto é, uma resistência masculina ao casamento, pois este era visto como um transtorno. Por esses motivos, para os homens, o casamento é interessante apenas por ser um meio de cumprir o dever cívico, especialmente como única forma de gerar descendência legítima.. É o que nos indica o discurso de Metelo Numídico:

²⁹ M. ANDREEV, "Divorce et aduldere dans le droit romain classic". *RMD*, 1957, p. 7-8; E. VOLTEREA, *istituzione di diritto privato romano*, Roma, 1961. *Apud*: ROUSSELLE, Aline. *Op. cit.*, p. 99.

³⁰ JUVENAL VI., 225-228. Citado por CARCOPINO, Jérôme. *A Vida Cotidiana no Apogeu do Império*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p. 104.

"se pudéssemos viver sem esposa, cidadãos., evitaríamos esse aborrecimento; todavia, como a natureza nos fez de tal modo que não conseguimos viver com elas de maneira suficientemente agradável, nem viver sem elas, devemos considerar mais nossa sobrevivência a longo prazo que nosso prazer passageiro"³¹.

Se para os homens o casamento era visto somente como uma obrigação, segundo a historiografia, a situação feminina era ainda menos animadora. Pois, para Veyne, "a mulher (esposa) não passava de um dos elementos da casa, que compreende igualmente os filhos, os libertos, os escravos".³² Em suma, a mulher, enquanto solteira vive sobre o poder do pai e ao casar do marido. A mulher, assim, seria produto necessário da Pátria Potestas, sem autonomia, sem volição.

Na verdade, esse processo de uma suposta submissão das mulheres define-se na condição matrimonial vista como existente apenas para geração dos filhos por dois motivos: primeiro em função da questão sucessorial e segundo para o cumprimento do dever cívico. Isso fazia com que a relação do pai com seus filhos nem sempre fossem amáveis. Em especial, no caso das filhas, que não tinham direito nem pela sua vida, pois não conseguiam de maneira alguma influenciar seus pais, isso merece ser destacado. Um exemplo disso, encontra-se em Apuleio, no livro IV. O rei, pai de Psique, seguindo a orientação de um oráculo, ordenou entregá-la à morte. Ele o fez sem derramar uma lágrima. Por seu lado, as mães não fugiam muito à regra. Tinham filhos contrariamente à sua vontade. Faziam-no porque era um dever cívico. Além disso, a criação dos filhos ficava, em geral, a cargo de escravos domésticos, dirigidos pela avó paterna. Apesar das

³¹ AULO-GELO, *Noites Áticas*, I, 6, 1. Citado por GRIMAL, P. *O Amor em Roma*. São Paulo; Martins Fontes, 1991. p. 98.

³² VEYNE, P. *História da vida privada: do Império Romano ao Ano Mil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 50.

limitações que lhe impunham a ordem tradicional, a esposa podia ganhar um espaço nas discussões a respeito de seus destinos. Suas chances de intervenção eram maiores com o marido do que seria possível com o pai. Na casa deste, não cabia a ela a organização doméstica. Aí ela permanecia em posição secundária pelo fato de não poder gerar filhos legítimos. E esse segundo dado talvez seja o mais importante. O poder de realizar a procriação dava à mulher um poderoso instrumento de afirmação. Através dele, a esposa sempre procurava obter vantagens em nome da fertilidade. Isto é,

"durante muito tempo elas permanecem submissas, depois de várias maternidades aumentavam seu prestígio, quando chegavam à maturidade e viam-se livres da ciumenta ascendência das parentas mais velhas, sua desforra era fulminante. Nesse momento os maridos tinham dominado sua juventude, tornavam-se vítimas dessa revolução doméstica"³³.

Sendo assim, como pensar em uma mulher subjugada ao poder do esposo, se é evidente sua autonomia? Há no livro II, de Apuleio, uma personagem chamada Birrena. Ela é casada e tem quase total autonomia dentro de seu lar. Mantém sob seu controle toda a organização doméstica, até o ponto de ser responsável pela realização de uma festa em sua casa; Um outro traço de sua influência é o papel ativo que o autor lhe dá no desenrolar da trama, enquanto seu marido é desfocado a um plano secundário. Dessa forma, o que há de se definir, primeiramente, é a extensão da autonomia, pois a historiografia a subestima; tomando por base fundamental os preceitos legais. Acatando-se o direito como reflexo do vivido, realmente a mulher era submissa, pois não tinha uma atuação legal nas instituições romanas. Mas creio que há um equívoco em tomar isso

GRIMAL, P. *O Amor em Roma*. São Paulo; Martins Fontes, 1991., p. 99.

como algo em si, como decisivo. A mulher tinha uma larga influência dentro de sua casa. Além disso, a própria condição biológica já levava a alguma autonomia ao menos potencialmente, isto é, ter filhos na sociedade romana significava alianças familiares e legitimidade pública. Além do que, a organização doméstica lhe assegurava uma abertura e expansão do universo masculino. Por isso, como descartar esse tipo de autonomia? Por exemplo,

"a mulher de Tarquínio, o velho, Tanaquil, levou o marido ao poder. "Suas previsões continuavam sendo domésticas, porém os homens da casa não exitavam em acatá-los, (...) e finalmente, por intermédio dos homens, a ação de Tanaquil se exercia no conjunto do Estado"³⁴.

Neste sentido, também o antigo regime, que fazia destes tipos de casamento para servirem a formação ou consolidação de alianças políticas, tendia a desmentir, através dos fatos, o princípio de que excluía as mulheres da vida civil.

Há de se salientar que o mundo romano, no século II., possuía duas forças extremas, a saber: algumas mulheres tendiam a aceitar as sanções sociais masculinas e outras, buscavam estratégias de afirmação feminina. E não em um movimento feminista. É perceptível, em toda a obra de Apuleio, a continuidade de ações femininas individualizadas, não organizadas, no cotidiano de cada personagem. Além disso, esse aspecto permite uma melhor avaliação do valor da obra como fonte, isto é, faz a reconstrução da realidade vivida de cada camada social.

Diante desse quadro, há um outro aspecto que importa avaliar: a infidelidade. Esta tinha grande significação para o casamento. As mulheres, ao saírem de suas casas,

ao arranjarem amantes, negligenciavam seus deveres de esposa e de mãe, de dona de casa: A independência de que desfrutavam então as mulheres romanas levaram frequentemente à licença em seus costumes, e, por sua libertinagem, à dissolução dos laços familiares. Isso, normalmente, foi registrado por escritores do principado, tais como, Tácito, Sêneca, Títo Lívio, Apuleio. Esses autores, queixavam-se dessas mulheres que tentam desprender-se desta antiga tradição, lembrando com saudades das mulheres honestas dos primeiros tempos de Roma. Foi uma tentativa de moralização da sociedade, principalmente da elite. No caso de Apuleio, no livro II, temos o relato do caso de uma mulher que, junto ao seu amante, envenenaram o marido para conseguir a herança. Provavelmente, ela não optou pelo divórcio, pois, sairia somente com o valor do seu dote e com algum acréscimo a ele. Daí a indignação do autor contra essas habilidades, que, na verdade, ocorriam no real cotidiano dos romanos. Então "a envenenadora" possuía ou não alguma autonomia? Certamente.

Além do que, essas mulheres na grande maioria tinham erudição o suficiente para se situar socialmente com tanta pertinência quanto seus companheiros. Assim, o próprio Apuleio faz uma crítica à personagem Birrena justamente por ser casada e ter uma total liberdade perante seu marido. A administração doméstica, está a seu cargo. A festa que é promovida em sua casa é organizada por ela, os comensais são convidados por ela. A sua própria desenvoltura junto aos comensais, demonstra que ela tem uma boa erudição. Digo isso porque muitas mulheres da elite realizavam estudos eruditos, conheciam a retórica, tinham o costume de estudar os gregos na filosofia, na matemática,

³⁴ Sobre TANAQUIL, Cf.. HEURAGAN, J. *La Vie Quotidienm chez les Etrusques*, Paris, 1961. p. 103₇.

na retórica e tinham acesso também à República de Platão, que propunha a abolição do casamento e a instituição da poligamia.

Apesar disso, a elas também ficavam destinados a aprendizagem de bordar, de fiar, tecer. Apuleio descreve, no livro II, Panfília, esposa de um estalajadeiro. Ela utiliza as artes mágicas, tão importantes no século II d.C, para a conquista de seus amantes. Isso nos remete a três pontos negativos: usar a feitiçaria por motivos tão baixos quanto a infidelidade, deixar os afazeres de dona-de-casa confiando-lhes a uma escrava (Fótis) e até dando-lhe autonomia, a ponto de decidir sobre os seus próprios vínculos amorosos. E por último a concepção de que os romanos tinham contra o adultério, de que ele poderia causar a interrupção sanguínea da tradição e ao mesmo tempo afetar moralmente o considerado "sagrado lar".

Uma instituição tão valorizada quanto o casamento não poderia ser ignorada pelas mulheres, nem deixar de se constituir elemento fundamental da estratégia feminina de afirmação. Contudo, o casamento não encerrava todas as possibilidades de busca de maior autonomia pelas mulheres. Existiam outras formas. É isso que nos indica, por exemplo, o caso da Méroe, que mantinha uma total autonomia em relação aos homens. Era estalajadeira e também possuía um saber técnico: a feitiçaria. Mesmo não constando o seu estado civil, mantinha sob seu controle toda a província, quando se tratava de perseguir algum desafeto.

Enfim, apesar de esta obra ser ficcional, ela consegue reconstituir o cotidiano vivido. Ela nos coloca frente ao paradoxo de designar as ações femininas como uma

Cf. GRIMAU P. *O Amor em Roma*, São Paulo; Martins Fontes, 1991., p. 29.

simples submissão tradicional. Como explicar o verdadeiro terror que os romanos

estavam sentindo naquele período, com relação às mulheres cada vez mais autônomas, com estratégias para a conquista desta, cada vez mais vulgarizadas. Catão, séculos antes, soube apontar com muita pertinência para esse dilema: "Todas as nações dominam suas mulheres, nós dominamos todas as nações, mas somos dominados por nossas mulheres"³⁵

³⁵*Apud.* POULSEN, *Vida*, p. 189. Citado por GIORDANI, M.C, *Op. cit.*, p. 163.

VI - As mulheres ricas e suas estratégias matrimoniais.

Nessa parte de nossa Monografia pretendemos realizar o exame da condição da mulher no romance de Apuleio, que nos apresenta uma série de personagens de condições sociais muito variadas. Para ordenar as personagens que mais nos interessavam, ou seja, aquelas femininas, separamo-as para fins de análise conforme sua condição social. No momento que as dividimos entre pobres e ricas temos uma grande possibilidade em descobrir o que as ligavam de maneira geral, apesar de terem vidas socialmente diferentes. Outrossim, podemos notar através da comparação entre pobres e ricas que não havia uma "mulher romana". Conforme a condição social da personagem suas estratégias se alteram. Diversamente do que indica a historiografia, há uma multiplicidade de condições e estratégias femininas, que são mostradas em *O asno de ouro*.

Como não aparece uma única mulher romana, não nos é mostrada no romance uma alternativa coletiva de afirmação social. Na Antiguidade Clássica não havia um movimento feminista, mas ações isoladas que tendiam ao fortalecimento feminino ou masculino. Digo isso, pois a historiografia generaliza a submissão feminina, como algo, recorrente no cotidiano romano, por exemplo: " a mulher (esposa) não passava de um dos elementos da casa, que compreende igualmente os filhos, os libertos, os escravos".³⁶ Neste texto tratamos apenas duas personagens ricas do romance, com o objetivo de compreender a sua condição social, e os tipos de estratégias de afirmação social adotados

³⁶ VEYNE, P. *História da Vida Privada: do Império Romano ao Ano MH* São Paulo: Companhia das letras, 1989. p 50.

por elas. Acreditamos que exemplificaremos de forma suficiente o trabalho que temos

realizado através desse caso. Ao analisar Panfília e Birrena verificaremos que elas, tentam ações de acordo com seus interesses.

Iniciemos, então, a análise das personagens femininas pela ordem da sua aparição no romance. Panfília, é a primeira a ser apresentada por Apuleio.

Lúcio, o narrador, ao fazer uma viagem de negócios à Tessália³⁷, foi recomendado por seu amigo Deméias a hospedar-se na residência do senhor Milão. Este era um homem muito rico, mas de extrema avareza. Panfília é apresentada como esposa do hospedeiro, junto à escrava Fótiis: "Tem, uma esposa, companheira da sua calamitosa existência. Ele não sustenta senão uma pequena escrava, e sai sempre vestido como um mendigo".³⁸

Panfília, vivia em relativo isolamento social, apesar de ser rica. Seu marido, além de avaro, era endinheirado: "É lá que mora o teu Milão um homem que possui haveres em abundância, mas desacreditado por sua extrema avareza e sua sórdida baixeza".³⁹ A situação de Panfília era financeiramente confortável pelo fato dela se associar à fortuna do marido pelo casamento. Isso proporcionava-lhe o ócio. Ela não precisava se ocupar dos filhos, pois não os tinha. Utilizará seu tempo praticando a arte mágica, que lhe servia como uma forma de exercitar e ampliar sua autonomia. Seu marido desconhecia que ela era uma feiticeira, ainda que toda a cidade o soubesse. Quando Lúcio encontra a personagem Birrena, por exemplo, é advertido: "Guarda-te, guarda-te energicamente dos

³⁷ Tessália na Antiguidade Clássica era considerada a cidade das artes mágicas.

³⁸ *Ibid*, p.25.

³⁹ Apuleio, *op. cit.*, p 25.

perigosos artifícios e da criminoso sedução dessa Panfília".⁴⁰ A maga mantém sobre a

cidade alguma proeminência, ainda que sob a base do medo. No livro II, Apuleio volta a condenar Panfília pela boca de Birrena:

"Reparando num moço bonito e bem-feito, atraída por sua beleza, não tira dele mais nem os olhos nem os pensamentos (...) Mas aqueles que se mostram morigerados, e que, por seus desdêns, incorrem em seu desfavor, num instante ela os transforma em pedras; em carneiros, em quaisquer animais, sem falar daqueles que simplesmente suprime."⁴¹

Frente ao marido, contudo, ela assumia uma postura de passividade. O marido, aliás, devotava-lhe certa desatenção. Em uma passagem, temos o seguinte diálogo doméstico: "Que chuva abundante teremos amanhã!" [Diz Panfília.] E como o marido lhe perguntasse como sabia, ela respondeu que era sua lâmpada que lho predizia. A estas palavras, riu-se Milão, dizendo: "Que famosa Sibila mantemos na pessoa desta lâmpada: do alto do seu candelabro, como de um observatório, ela contempla tudo que se passa no céu, e o próprio Sol".⁴²

Os romanos acreditavam na eficácia da magia⁴³. A concepção mágica do universo faz uso de leis de aplicação universal e não se limita às coisas humanas.⁴⁴

A religião se separa da magia, pois aquela responde pela crença em seres sobrenaturais que regem conscientemente o mundo de acordo com sua persuasão. Enquanto, a magia pressupõe que o curso natural não está determinado por ações de

⁴⁰Ibid,p30.

⁴¹ Ibid, p 30.

⁴² Ibid., p 33.

⁴³ Uma "feitiçaria, entendida como o suposto poder que alguns homens, por efeito de qualidades ou técnicas inatas, herdadas ou adquiridas, podem exercer sobre outras, integra-se num conjunto ideológico mais vasto, numa teoria mais ou menos explícita da força e do poder que pode, evidentemente, apresentar grandes diferenças de um sistema social para outro".SILVA, G. V. da. "Política e magia no IV século". *LPH: Revista de História*. n.º 6, MG, 1996. p 153.

seres personificados, mas sim por operações de leis imutáveis. O mágico conhece essas

leis e delas pode tirar proveito. A prática mágica é uma intervenção humana no cotidiano. O que faz a mágica é a intervenção do mágico nas leis naturais.

Apuleio critica a utilização da magia para a conquista de fins particulares. As leis naturais são universais e, por isso, não se deve intervir junto a elas para a realização de interesses privados. Há uma incompatibilidade entre o significado da magia enquanto sistema religioso e saber técnico no plano vivido. O primeiro possui uma conotação de serenidade, respeito para com a divindade e status social ao sacerdote responsável pela prática do ritual mágico. No livro XI, há uma passagem em que a deusa Isis conversa com o protagonista, Lúcio: "Presta atenção às ordens que vais receber de mim, uma atenção religiosa".¹⁵ Enquanto, o saber técnico, refere-se ao uso dos preceitos para ações cotidianas fúteis, como: previsões para bons dias de viagens, conquistas pessoais e até charlatanismo.

Panfília aproxima-se da magia como saber técnico, que não depende da intervenção de um deus. Apuleio constrói a trama em que Panfília atua de forma a colocar essa mulher em uma situação de irresponsabilidade frente aos segredos da magia. Ela não possuiria o senso de responsabilidade necessário para tanto. Como exemplo, citamos uma passagem do livro III. A escrava de Panfília, Fótiis, lamenta-se: "Nós já somos mal vistas na cidade, como gente dada à ciência dos malefícios"⁴⁶. Nesse mesmo livro, Panfília usa dos cabelos do moço para fazê-lo apaixonar-se por ela. A maga faz uso das

⁴⁴Ibid, p69.

⁴⁵ Apuleio, op. cit, p 182.

⁴⁶Ibid.,p51.

leis naturais para se beneficiar e não para algum propósito de interesse geral. Ainda mais,

é auxiliada por uma mulher ainda menos responsável que ela própria. Não fosse assim, Lúcio não teria sido transformado em Asno.

Apuleio demonstra-se contrário a esse tipo de utilização da magia. Mas há de se notar que é graças a ela que Panfilia tem alguma autonomia. Através da mágica que ela pode atuar para além do que lhe reservaria a vida do lar. Atacando o uso da mágica para a conquista de amantes, Apuleio crítica a autonomia de Panfilia.

Essa personagem diferencia-se das outras do mesmo nível social (Birrena, Psique e Caridade), pois tinha um certo tipo de "atividade", a magia, que lhe proporcionava autonomia perante a cidade e o esposo. É por isso, que Apuleio, faz críticas contra ela, e a põe como um modelo a não ser seguido pelas matronas de Roma.

Como fizemos com Panfilia, iniciaremos nossa análise de Birrena percebendo sua colocação no universo narrativo. Birrena surgiu no romance após a chegada de Lúcio, em Tessália. Lúcio diz que: "Enquanto vagava de porta em porta, como um homem adoidado ou bêbado, eis-me, de súbito, sem ter percebido, no mercado, pelo qual passava nesse instante uma mulher, seguida de numerosa famulagem".⁴⁷ Essa mulher era para ele, inicialmente, uma estranha. O que chamou a atenção de Lúcio foi sua riqueza. Além da vasta clientela que a seguia, o narrador ainda refere a "O engaste de ouro de suas pedrarias e os fios de ouro com que estavam entrançados os seus vestidos, [que] anunciavam uma pessoa de categoria (...)". Lúcio, ao longo da ação, será reconhecido como um parente distante dessa rica mulher. Um ancião, que acompanhava Birrena,

⁴⁷Ibid, p28.

identifica o vínculo de parentesco. Birrena toma a iniciativa de se apresentar a Lúcio.

Segundo ela: "Não há diferença entre nós senão a posição social, pois tua mãe desposou um alto personagem, e eu um simples cidadão. Eu sou essa Birrena cujo nome não te lembras talvez de ter ouvido pronunciar entre aqueles que te educaram".⁴⁸

Na citação acima, temos uma afirmação que coloca em comparação a posição social de Birrena e a da mãe de Lúcio. Primeiro, Birrena diz a Lúcio que a mãe dele possuía status ainda mais elevado do que o dela, pois sendo da mesma família, havia casado com um homem importante, enquanto, ela não.

Recuperemos o argumento que Apúleio utiliza para construir essa passagem. A mãe de Lúcio se casa com um homem mais bem situado socialmente do que ela própria. Com isso, eleva-se a um círculo de relações sociais mais prestigiado do que aquele em que vivia como solteira. Portanto, para a mãe de Lúcio o casamento serviu como uma forma de promoção social. Já no caso de Birrena, as coisas se passam de modo diverso. Casa-se com alguém sem uma posição social mais elevada que a sua. Birrena fica no mesmo patamar em que estava quando solteira. Analisando o discurso de Apuleio, percebe-se como o casamento funcionava enquanto uma estratégia de afirmação feminina. Através dele, podia-se elevar sua posição social, ou mantê-la estável.

Comparada a Panfília, Birrena apresenta uma outra utilização da sociabilidade proporcionada pelo casamento. Panfília, como vimos, tem na magia sua principal forma de afirmação. Birrena tem sua estratégia centrada nas atividades sociais que conduz a partir de sua casa. O que cria sua posição de *domina domi* é o fato de ela ser casada e ter

⁴⁸ Ibid.,p29.

de se incumbir da administração doméstica. É dessa autonomia de dentro da casa que

Birrena procura estabelecer sua independência fora do lar. Friedlander, a nosso ver de forma exagerada, chega a sustentar que a posição da mulher dentro da sociedade romana era de independência, como aquela que tinha com respeito às ocupações de dentro da casa.⁴⁹

Birrena é uma mulher muito bem sucedida na realização do que Friedlander imaginava como corriqueiro. Como mostra disso, citamos a condição eclipsada em que vive seu cônjuge. Ele não é nomeado no romance e parece sem qualquer ação no nível doméstico. Temos outro exemplo quando Birrena, ao dar uma festa, elege os convidados, os recepciona e dirige o convívio ao longo do banquete. Essas funções domésticas de caráter social são assumidas pelo elemento feminino do casal. Onde concluímos, em concordância com Pierre Grimal, que duvidava de que o casamento servisse como "o princípio que excluía as mulheres da vida civil"⁵⁰.

Friedlander faz da esfera doméstica e da pública uma única coisa. Daí sua percepção de que a autonomia doméstica propiciaria a liberdade civil. Grimal apresenta uma perspectiva de entendimento diversa. Para ele, a esfera doméstica é um espaço de sociabilidade entre vários outros de que a mulher participa. O fato de a mulher ter alguma autonomia em casa impossibilita que ela seja vista como quem não tenha nenhuma liberdade. Nossa perspectiva é fundada nessas duas anteriores, mas se diferencia um pouco delas. A mulher atua em vários espaços sociais. O espaço doméstico

⁴⁹ FRIEDLAENDER, L. *La Sociedad Romana: História de las Costumares em Roma des Augusto hasta las Antoninos*. México-Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, p. 289.

⁵⁰ GRIMAL, op. cit, p. 204.

é um em que ela é indispensável. Tem, portanto, em casa um papel destacado. A partir

da proeminência social do nível doméstico, a mulher pode se impor em outros espaços de sociabilidade. Mas isso não se faz por si. Depende de uma atuação feminina positiva. Panfília tinha um tipo de estratégia de afirmação, Birrena tinha outra.

Um elemento fundamental da atuação de Birrena é a consolidação de relações sociais que, centradas na sociabilidade doméstica, superem os limites do próprio lar. Birrena tenta conquistar o título de mãe de Lúcio. Ela pergunta ao sobrinho: "O que esperas (...) para te aproximares e saudares tua mãe?".⁵¹ A pretensão deriva do fato de a mãe biológica de Lúcio ser "irmã de sangue e de alimentação" de Birrena. Causa estranheza que Lúcio sequer conhecesse o nome de Birrena, até o dia em que a encontra. Donde se pode suspeitar que Birrena procure forjar o vínculo por crê-lo proveitoso para si, quer por Lúcio gozar de uma alta posição, quer por ser o vínculo filial adequado à figura de uma matrona.

O intento de Birrena é bem sucedido à medida que também interessava a Lúcio essa aproximação. Pois, aproximando-se de Birrena, colocava-se na alta sociedade de Tessália. O seu hospedeiro, Milão, excluía-se das relações sociais, como vimos. Por isso lhe interessava aproximar-se de Birrena, detentora destas relações. É o que vemos quando Birrena convida seu filho adotivo para um jantar em sua casa. É o próprio Lúcio que descreve o nível dos convivas: "Ali encontrei um grande número de convidados, e, como seria de esperar em casa de tão grande senhora, a flor da cidade".⁵²

⁵¹ APULEIO, op. *át*, p29.

⁵² APULEIO, op. cit, p36.

Apuleio, ao longo do episódio, faz somente a estratégia de aproximação de

Birrena parecer condenável Lúcio, embora objetivando os mesmos fins e utilizando os mesmos meios, não recebe o mesmo tratamento. Birrena, ao buscar ativamente a aproximação com Lúcio, escapa ao ideal de Apuleio de recato feminino. Ela sai à rua, procura as pessoas, convida-as a vir a sua casa. Enfim, não fica fechada em sua casa esperando seu marido. Apuleio condena essa mulher pela auto-suficiência que gozava. O autor procura um "retorno" ao pátrio poder, ou melhor, à condição político-matrimonial dita tradicional. Muitos historiadores, contudo, não concordam com a análise que propomos. Para muitos, a mulher que Apuleio desejava reabilitar, nunca deixou de existir. Finley, por exemplo, acredita que a maioria das Ciúdias aceitavam e até mesmo defendiam os valores estabelecidos por seus homens. Segundo Finley, elas não conheciam outro mundo."

A nosso ver, temos na lógica da ação da personagem Birrena um dos modelos da atuação feminina no universo romano. Ela se coloca em uma posição de relativa autonomia. Todo o espaço do mundo doméstico é ocupado por ela. A partir de sua casa, na qual ela é *domina*, procura se afirmar no universo social que a cerca. O relato de Apuleio não faz parecer que Birrena fosse um tipo extraordinário. A historiografia tenta, contudo, ignorar essa possibilidade de atuação feminina, insistindo em apresentar o modelo matrimonial - e a posição feminina no interior desse - inalterada ao longo do tempo. Apuleio, ao recriminar as atuações femininas que conduziam a uma maior

⁵³ FINLEY, op. cit, pl64.

independência, procurava fazer com que se retomasse a um casamento tradicional, que já

não existia de forma hegemônica.

O romance de Apuleio é um documento que mostra as transformações que estavam ocorrendo em Roma. As mulheres, parte integrante da sociedade, não foram poupadas das mudanças gerais que foram vividas ao longo dos séculos. A análise dos casos de Panfília e Birrena mostram que ocorreram, em relação ao casamento romano dito tradicional, inúmeras mudanças. Mais do que isso, que essas mudanças não se deram de forma monolítica, unilinear, mas geraram uma infinidade de alternativas que pretendemos continuar estudando.

VII - Psique: uma esposa que foi endeusada.

O estudo das mulheres pela historiografia é recente. Data de mais ou menos vinte anos. Seu surgimento apoiou-se na explosão do feminismo nos anos setenta e conjugou-se com o desenvolvimento de novos estudos nos campos da antropologia e da história das mentalidades. Pretendia-se, como diz, Sarah Pomeroy,

"conhecer melhor os sentimentos, a sexualidade, o mundo privado das mulheres; eu diria que se tratava de lhes dar ao mesmo tempo um lugar na história e uma história que lhes fosse própria.⁵⁴

A busca de uma identidade feminina, na história antiga, possibilitou a análise da relação entre os sexos. Essa nova preocupação deu condições a investigações sobre a atuação feminina na produção, nos bens, nas dádivas, nos gestos rituais, no vestuário, na morte etc. Além de precisar a divisão dos papéis sexuais no mundo antigo e como se organizavam os espaços em função deles. Por exemplo:

as análises da tragédia e da comédia ática na época clássica mostraram como a divisão dos sexos e a encenação do feminino serviram para pensar problemas fundamentais para a cidade, como os limites do poder, a guerra, a reprodução do corpo cívico (...).⁵⁵

Não devemos, sobretudo, enveredar pelo "determinismo" da divisão de papéis que preestabelece os domínios de estratégias femininas e masculinas como coisas

⁵⁴ POMEROY, Sarah. *Goddesses, Wives, Whores and Slaves. Women in classical Antiquity*, Nova Iork, 1975, citado por Pantel, P. S. "A história das mulheres na história da antiguidade, hoje". In: DUBY, G. & PERROT, M. (orgs). *História das mulheres no ocidente*. São Paulo: Afrentamento, 1990. p.592.

⁵⁵ PANTEL, P. S. "A história das mulheres na história da antiguidade, hoje". In: DUBY, G. & PERROT, M. (orgs). *História das mulheres no ocidente*. São Paulo: Afrentamento, 1990. p.593.

distintas. Um exemplo: vincular a mulher sempre a domínios domésticos e o homem, a espaços públicos⁵⁶. Contudo,

poderia ser dito que a história das mulheres atingiu uma certa legitimidade como um empreendimento histórico, quando afirmou a natureza e a experiência separadas das mulheres, e assim consolidou a identidade coletiva das mulheres.⁵⁷

Segundo, a própria Scott, essa separação conduziu a uma dupla face: a construção da legitimidade da história das mulheres na disciplina e a afirmação de sua diferença na "história".

No momento em que examinamos estas representações, encontramos duas exigências: "inserir todo o estudo sobre as mulheres na história global e a de dar às investigações sobre as mulheres, senão uma iluminação teórica, pelo menos uma armadura conceptual".⁵⁸

Ao precisar a mulher, no universo global, estabelecemos diferenças entre indivíduos e grupos sociais. Mesmo porque, "todo o fenómeno social, qualquer que seja, é sempre resultado de ações, atitudes, de convicções, e em geral de comportamentos individuais".⁵⁹ Isto é, a noção de individualismo perpassa pelas causas individuais, que consiste em analisar as razões que levaram os atores sociais a fazer o que fazem ou a acreditarem naquilo em que acreditam.⁶⁰ O indivíduo não é isolado em seu espaço. Mas, pelo contrário:

⁵⁶ A crítica à ideia de "determinismo de papéis" vincula-se, especialmente, ao isolamento entre os indivíduos. Pois o fenómeno social, só faz sentido, enquanto interação de sujeitos. Isto é, a mulher e o homem, juntos, participam dos espaços sociais.

⁵⁷ SCOTT, J. "História das mulheres". In: BURKE, P. *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: UNESP, 1992. p. 84.

⁵⁸ *Ibid*, p. 594.

⁵⁹ BOUDON, Raymond (org.). "A ação". *Tratado de sociologia*. Rio de Janeiro: Zahar, 1995. p. 28.

⁶⁰ *Ibid*, p. 33.

O ator [quel foi socializado, que está em relação com outros atores, os quais, tal como ele próprio, ocupam papéis sociais etc. De modo geral, o individualismo metodológico reconhece indiscutivelmente que o ator social se move dentro de um contexto que se lhe impõe em larga medida.⁶¹

Em termos de análise, o individualismo metodológico, não desautoriza que se agrupem os atores em categorias, desde que eles se encontrem numa situação semelhante e possa se observar uma atitude análoga. Portanto, não exclui os fenômenos coletivos.

Nesta perspectiva, objetivamos um estudo do universo feminino no século II da nossa era. O conto de Psique e Cupido é a passagem mais discutida pelos analistas da obra que estudamos. Discutiremos a ação particular que Apuleio desenhou para Psique tendo em vista essa relação dialética entre indivíduo e outros indivíduos; entre esses e as estruturas, como nos sugere o individualismo metodológico. A problemática matrimonial, que é discutida enfaticamente por Apuleio através da personagem, será o centro de nossas atenções. A análise do conto será desenvolvida em quatro momentos, que acompanham o encadeamento do episódio: Psique solteira, casada, separada, e casada novamente.

Psique é protagonista de um episódio narrado por uma senhora. A própria narradora faz notar o caráter extraordinário de sua fábula. Ela narra o conto de Psique a uma moça que é sua prisioneira e se mostra assustada: De início, já afirma: «"Mocinha,

⁶¹ O individualismo metodológico, tem como função, explicar o fenômeno social através das causas individuais. Seu princípio, parte do pressuposto, que suas origens são ações individuais. Ver em, BOUDON, Raymond (org.) "A ação". In: *Tratado de Sociologia*. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

tenha ânimo (...). Demais, eu poderei te distrair com lindas histórias e contos de gente velha".»⁶²

A velha apresenta Psique como a linda filha de um rei. Sua incomparável beleza era confundida com a da deusa Vénus. Isso fazia com que nenhum pretendente se julgasse digno de se casar com ela. Como se não bastasse, a comparação da beleza de Psique com Vénus provocou a ira da deusa. O povo não atendia mais aos seus rituais, abandonando-os completamente para servir àquela bela jovem. Sendo Psique uma princesa, Vénus a pune fazendo recair sobre seu Reino uma série de calamidades. Então, seu pai vai até o Olimpo para ouvir o oráculo de Apoio.

Psique, virgem desdenhada, ficava em casa, a chorar seu abandono e solidão (...) Afinal, o pai triste da desventurada jovem, suspeitando haver contra ela alguma celeste maldição, e temendo ter incorrido na cólera do alto, interrogou o oráculo do deus de Mileto. Ofereceu a essa poderosa divindade preces e vítimas, pediu para a desdenhada virgem um himeneu e um marido.⁶³

Este anuncia as núpcias mortais da jovem: "Sobre o rochedo escarpado, (...), expõe, rei, a tua filha, para as núpcias da morte"⁶⁴ Após a ordem do deus, o rei, sem mais demora, cumpre-a. Psique mostra-se submissa a condenação divina pela impossibilidade de ir contra a ordem de um oráculo.

O pai de Psique, após as ordens do oráculo, sacrifica-a:

Ultimaram, então, em profunda tristeza, os solenes preparativos desse tálamo fatal, e, seguido de todo o povo, o cortejo se pôs em marcha, acompanhando esse cadáver vivo.⁶⁵

⁶² APULEIO, Lúcio. *O asno de ouro*. Rio de Janeiro: Ediouro, s/d. p. 71.

⁶³ Ibid., p. 73.

⁶⁴ Ibid., p. 75.

⁶⁵ APULEIO, *Op. Cit.*, p. 74.

Psique nada opõe a seu sacrifício, nada diz.

A necessidade de gerar filhos legítimos fazia com que o poder do pai sobre as filhas fosse de uma qualidade diversa daquele do marido sobre a esposa. O princípio de poder era o mesmo: a *pater potestas*. No entanto, *esse in potestate patris* é diverso de *esse in potestate coniugium*. Em especial, no caso das filhas que não tinham direito nem pela sua vida, pois não conseguiam de maneira alguma influenciar seus pais. Apesar das limitações que lhe impunham a ordem tradicional, a esposa podia ganhar um espaço nas discussões a respeito de seus destinos. Suas chances de intervenção se ampliavam mais com o marido, do que seria possível com o pai. Na casa deste, não cabia a ela a organização doméstica. Aí ela permanecia em posição secundária, pelo fato de não poder gerar filhos legítimos. E esse segundo dado talvez seja o mais importante. O poder de realizar a procriação era um poderoso instrumento de afirmação. A esposa sempre poderia procurar obter vantagens em nome da fertilidade.

Psique é salva da morte por Cupido, filho de Vénus. Apesar da necessidade do consentimento público para o casamento, representado por Vénus e a comunidade divina, Cupido numa atitude isolada, desobedece às ordens da mãe, unindo-se a Psique. O deus a leva para um palacete isolado. A capacidade de Psique intervir no seu próprio destino muda quando ela se casa. Por exemplo, a jovem deseja rever seus familiares. O marido é contra. Contudo, Psique quase manda em seu marido-deus:

Assim, ordena só uma vez mais, a Zéfiro, que desempenhe essa incumbência, pois, na falta de contemplar teu sagrado rosto, o que me é recusado, deixa que eu veja ao menos minhas irmãs.⁶⁶

⁶⁶ Ibid, p. 78.

O desejo de Psique rever seus familiares é apresentado como uma necessidade em função das condições especiais em que vivia. Psique morava em um castelo com escravas invisíveis e sem conhecer o rosto do marido, que a exclui por completo de suas relações sociais. Isso faz com que ela exija a possibilidade de construir por si e para si vínculos sociais. Temos, com isso, um rompimento com a historiografia que defende que a mulher não passa de um mero objeto decorativo da casa. Se assim fosse, ela nem tentaria convencer o marido da necessidade de manter relações sociais externas à casa do marido. Mais ainda, note-se que a mesma Psique que não questionou que o pai sacrificasse sua vida não admitia que seu marido a mantivesse "enterrada-viva" em casa. O contraste é eloquente.

Cupido, a contragosto, se curvará aos desejos de sua esposa. As irmãs são trazidas ao castelo em que vivia Psique. Sentem inveja dela gozar de uma condição superior. Como vimos no caso de Birrena e a mãe de Lúcio, mais uma vez o casamento serve como uma forma de reposicionamento social das irmãs. As irmãs se consolam com o fato de que Psique desconhecia a identidade do marido. Por inveja, instigam-na a obrigá-lo a revelar seu rosto. Convencem-na de que, se ele não o quer mostrar, é porque se trata de algum ser monstruoso que coloca sua existência em perigo. Por esse meio, tendo encontrado Psique bem em seu casamento, ajustam um meio de desestabilizá-lo. Psique, influenciada pelas irmãs, trai o marido, que tinha pedido a ela para que não tentasse ver seu semblante. A noite, quando esse dormia, vê seu rosto. Era Cupido. Atordoada, toca sua flecha, e é tomada pelo próprio Amor. Em êxtase, derrama óleo

quente no deus, que acorda e percebe que tinha sido reconhecido. Cupido a pune, com a separação. Enquanto suas irmãs são levadas à morte.

Vénus, irada com a desobediência de seu filho, usa todos os meios para encontrar Psique. A deusa condena a situação social da "recém-casada", por não ser condizente com a de seu esposo. Apesar de ser filha de um rei, não possuía o status do marido, divino. A deusa Vénus, em plena cólera, condena seu filho Cupido por ter desobedecido suas ordens:

Para começar, desdenhaste as ordens de tua mãe e tua soberana, o que é pior! E, em lugar de infligir à minha inimiga os tormentos de um amor ignóbil, tu mesmo, rapazinho sem respeitar coisa alguma, te uniste a ela, com laços precoces demais.⁵¹

Assim, o matrimónio não seria válido, por ser uma união entre desiguais: "o filho de uma vil escrava passará por neto de Vénus! Mas eu sou tola. Um filho, eu digo? Não. Os cônjuges são de condição desigual"⁵⁸. Portanto, uma união entre elementos de classes diferentes e sem testemunhas, invalida também o fruto dessa união legítima.

Psique vagava pelo mundo em busca de seu ex-marido. Psique, extenuada pela busca de seu cônjuge e atordoada com a perseguição de Vénus, decide entregar-se. Vénus, então, obriga-a a realizar tarefas de cunho mágico. As tarefas eram de impossível consecução para uma mortal que não recebesse qualquer ajuda. Mas, sendo ajudada em cada uma delas, Psique se desincumbe de todas. Passando pelas provas, é divinizada.

⁶⁷APULEIO, *Op. Gt.*, p. 89.

⁶⁸Ibid., p. 94.

Psique, precisou ser divinizada para legitimar sua união com Cupido: "toma, Psique, disse-lhe [Júpiter], e sê imortal. Jamais Cupido se desembaraçará dos laços que o ligam a ti. Às vossas núpcias são perpétuas".⁶⁹

Dessa forma, através do episódio, temos quatro momentos que são delimitados pela situação conjugal de Psique. No início, Psique é solteira e, submetida ao pai, não tem nenhuma autonomia. De forma clandestina, casa-se com Cupido. Nesse segundo momento terá alguma autonomia, mas, por não ter legitimada publicamente sua situação conjugal, essa maior independência não extrapola os muros de seu castelo. Só ali seu casamento é válido. Só ali ela tem alguma autonomia. Quando se vê abandonada pelo marido, procura, a todo custo, recuperar o esposo. O fim do casamento, paradoxalmente, o faz conhecido publicamente, pelo escândalo da revelação da identidade de Cupido. Sua publicização invalida a união. Isso faz com que a busca do marido não seja só a procura de sua pessoa, mas também de reconhecimento da sua condição de esposa desse. Só com a equiparação de Psique ao nível de seu marido, através da divinização, é que a reconciliação será possível. Nesse quarto momento, Psique, com o casamento publicamente acatado, vive seu maior nível de autonomia, como deusa.

Percebemos na mulher uma grande emancipação no interior do casamento. Sua autonomia pode se ampliar pelo fato de ser sustentáculo de uma instituição a que se conferia uma enorme importância, que era simbolicamente representada pelo dever cívico e pela fertilidade. Em Apuleio, isso é perceptível através do relacionamento de Psique

⁶⁹ Ibid., p101.

com seu pai e Cupido. O matrimônio, além de carregar essa conotação de distinção entre o pai e o marido, traz-nos também um vínculo público e privado. Isto explica-se por ser, por um lado, juridicamente baseado no livre consentimento dos esposos; por outro, era o meio de se estabelecer alianças entre as famílias para garantir o apoio dentro da urbe e uma forma de transmissão da cidadania. Em resumo,

determinar se os cônjuges estavam unidos em justas núpcias (...) era uma situação de fato que criava efeitos de direito: os filhos de tais núpcias são legítimos; tomam o nome do pai, sucedem-no na propriedade do patrimônio [e nos domínios públicos] (...) se não foram deserdados⁷⁰.

⁷⁰ VEYNE, Op. Cit., p.46.

VIII - As estratégias de afirmação social das mulheres pobres.

Nessa seção tratarei das estratégias de afirmação social das mulheres pobres no interior do casamento romano. Para tanto, escolhemos três personagens, a "esposa do jornaleiro", Fótiis e Méroe.

Iniciemos pela "esposa do jornaleiro". Essa personagem aparece no romance quando o asno-Lúcio⁷¹ e seu dono nesse momento da trama, o "velhaco carnicheiro", chegam até uma aldeia e lá ouvem uma historieta de um homem que fora ludibriado por sua esposa. O tal indivíduo, muito pobre, mal vivia com seu salário, prestando serviços como jornaleiro. Tinha uma mulher conhecida "por sua excessiva lascívia"⁷². Um dia, entretanto, enquanto o marido foi trabalhar, entrou em sua casa um audaz amante. Estavam tranquilos em seus combates amorosos, quando o marido, sem suspeitar da situação, retorna repentinamente à casa. Encontrando as portas trancadas e "louvando já a virtude da mulher, bateu e assobiou para anunciar-lhe a sua presença".⁷³ Sua mulher de improviso, esconde o amante em um *dolium*TM vazio, que se encontrava em um canto. Só então abre a porta ao marido, tratando-o com aspereza:

⁷¹ O personagem protagonista torna-se asno pelo fato da escrava Fótiis ter passado o unguento errado ao tentar transformá-lo em pássaro. Ver Apuleio. *O asno de ouro*. Rio de Janeiro: Ediouro. s/d., p. 55.

⁷² Apuleio, *op. cit.*, p. 140.

⁷³ *Ibid*, p. 140.

⁷⁴ Este termo designa é uma espécie de vasilha bojuda de grandes dimensões, feita de barro, espécie de pote ou talha, e feita algumas vezes de madeira, como pipa ou tonel, onde se guarda vinho, azeite. No entanto, a tradutora Ruth Guimarães, o traduz como uma jarra, por acharmos impreciso utilizarmos *dolium*, o termo originário do romance; "Tunc mulier callida, et ad hujusmodi flagitia perastutuia, tanacissimis amplexibus expeditum hominem, dolio, quod erat in angulo semiobrutum sed alias vaccuunv dissimulanter abscondif. Ver em Apulée. *Ouvres Completes*. Traduit par Victor Bélolaud. Paris: Garnier Frères, Libraires-Éditeurs, 1891. p. 278.

Tenho sempre de te ver flanando, desocupado, preguiçoso, de mãos nos bolsos. Lá deixaste o teu trabalho, sem pensar no sustento, nem em procurar o que comeremos.⁷⁵

O marido, desconcertado com essas palavras, replicou:

E que dizes disto? Retido por um negócio forense, nosso chefe da oficina nos deu um feriado; entretanto, providencie para nosso jantar de hoje. Olha para este *dottum*, sempre vazio (...) vendi-o por seis denários.⁷⁶

Diante da situação, a astuta mulher, lança uma gargalhada, dizendo:

O grande homem! Vejam só o hábil comerciante! Um objeto que eu, simples mulher, e sem sair de casa, vendi há um momento por sete denários, ele se desfaz por menos.⁷⁷

O marido surpreendido com a venda pergunta-lhe sobre o comprador, e ela responde: "há que tempo, imbecil, que ele desceu para dentro do *dolium*, para experimentar-lhe a solidez!"⁷⁸

Enquanto, o casal discutia, o antigo comprador fala à mulher: "Queres saber a verdade, mãe? Teu *dolium* é velho demais, e cheio de fendas e buracos".⁷⁹ Após sua saída, o jornalista tira a roupa e pede ao falso comprador que saía, pois o próprio limparia o objeto. Trocando de lugar com o marido que ficou oculto no interior do *dolium*, o amante termina o ato sexual, sem que o marido percebesse, e paga o devido dinheiro.

Essa situação de adultério é muito presente no universo romano, tanto os homens quanto as mulheres traem. Mas a historiografia comenta somente os casos masculinos e

⁷⁵ Apuleio, *op. cit.*, p. 140.

⁷⁶ *Ibid.*, p. 140.

⁷⁷ *Ibid.*, *op. cit.*, p. 140/141.

⁷⁸ *Ibid.*, p. 141.

⁷⁹ *Ibid.*, p. 141.

sua liberdade para fazê-lo. Quando muito, a mulher não passa de um dos elementos da casa, que compreende igualmente os filhos, os libertos, os escravos.⁸⁰

No entanto, Apuleio nos mostra uma mulher que cria conflitos, desafiadora da moral masculina, ou seja, mulheres que buscam seu espaço social quer através de amantes como a "esposa do jornaleiro", quer por outras formas. Negligenciam, assim, os deveres de esposa, de mãe e de *domina domi*. Tamanha é a independência da "esposa do jornaleiro" que conduz o amante em seu lar, sem o esposo sequer supor a circunstância. Mas, sem nada saber, ele orgulha-se de sua virtude:

um dia, em que nosso homem partira muito cedo para o trabalho, introduziu-se em sua casa, às fartadelas, um temerário adúltero (...) o marido, que ignorava tudo (...) voltou inesperadamente. Encontrou a porta fechada e aferrolhada. Louvando a virtude da mulher, bateu e assobiou para anunciar-lhe sua presença.
„ 81

O adultério da personagem representa a apreensão de Apuleio com a solidez dos matrimônios de seu tempo. O casamento era um importante símbolo de uma cultura dominante romana, que constituía-se, em geral, a partir da construção de uma auto imagem conservadora, pois o que importava era seu forte senso de continuidade através da mudança, sua resoluta aceitação das leis e da tradição⁸². Nesse sentido, a infidelidade é a imagem da dissolução do casamento realizado em função de suas consequências patrimoniais e de alianças entre famílias, que garantiam a estabilidade e a continuidade das famílias aristocráticas. E Apuleio, membro de uma aristocracia provincial, mas afinado com os padrões culturais romanos, põe-se preocupado com o casamento romano

⁸⁰ Ver VEYNE, *op. cit.*, p. 50.

⁸¹ Apuleio, *op. cit.*, p. 140.

⁸² FUNARI, R P. Abreu. *Cultura popular na Antiguidade Clássica*. São Paulo: Contexto, 1989.

ao mostrar os homens em situação constrangedora, enfraquecida pelo afrouxamento de sua autoridade, pela dissolução da distribuição de poder prevista pela tradição.

Por outro lado, a prática matrimonial nas camadas miseráveis retratava um esquema de sobrevivência. Temos que lembrar que o povo 'Vivia amontoado em cubículos exíguos e as famílias populares, na maior parte dos casos, não tinham nem acesso a banheiro e cozinha próprios'.⁸³ De fato, a mulher e os filhos, possuíam uma participação ativa no núcleo econômico, por exemplo, a "esposa do jornaleiro" o humilha dizendo que ele não é capaz de trazer nem o azeite, símbolo de miséria: "E eu, desgraçada, tanto à noite como de dia, que torça os dedos a fiar a lã, para que em nosso pobre quarto uma lâmpada ao menos se mantenha acesa."⁸⁴

Além de serem fiandeiras, exerciam funções de parteiras, ama, estalajadeiras. Tais trabalhos, muitas vezes, foram de suma importância como é o caso das parteiras. Estas possibilitaram aos médicos um conhecimento anatômico do corpo feminino, pois

"foram as mulheres que - com uma atenção muito sutil - observaram seus próprios corpos. Algumas delas adquiriram qualificações e foram de certo modo as especialistas do bairro, da aldeia, da casa (...) São parteiras que cuidam de todas as doenças das mulheres; foram elas que informaram os médicos antigos, aqueles de quem lemos os escritos".⁸⁵

Não seria absurdo, portanto, supor que

"as mulheres das classes subalternas inferiores eram mais emancipadas, mais iguais, se não de direito, pelo menos de fato, e mais, amplamente aceitas como indivíduos (...) que suas irmãs aristocráticas (...) Some-se a isso a necessidade econômica, as más condições de moradia e o fato de trabalharem para viver e não para matar o tempo".⁸⁶

⁸³ FUNARI, op. Cit. p. 39.

⁸⁴ Apuleio, *op. cit.*, p. 140.

⁸⁵ ROUSSELLE, Aline. *Poméia: sexualidade e amor no mundo antigo*. São Paulo: Brasiliense. 1983. p. 38.

⁸⁶ FINLEY, M. I. *Aspectos da Antiguidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1991. p. 158/159.

Como fizemos com a "esposa do jornaleiro", iniciaremos nossa análise de Fótis, percebendo sua colocação no universo narrativo. Fótis surgiu no romance após a chegada de Lúcio à Tessália. Por recomendação de seu amigo Deméias, Lúcio se hospeda na casa do senhor Milão. Esse era casado com Panfília, que possuía uma escrava chamada Fótis. Lúcio descobre que Panfília é iniciada nas artes mágicas. E "em vez de ter cautela, (...) ambicionei, ao contrário, ardentemente, meter-me em tal escola, custasse o que custasse"⁸⁷. Para realizar tal intento Lúcio se aproxima da escrava pela qual já demonstrará ter alguma atração:

Nada de intriga amorosa com a tua hospedeira (...) Mas a fâmula Fótis, podes resolutamente atacar. É uma bonita moça, gosta de rir e é viva. Ontem à noite conduziu ao teu quarto, te pôs no leito com gesto brando, retirou-se com pena, isso se ha no seu rosto.⁸⁸

Não havia nada de excepcional em um homem livre ter um caso amoroso com uma escrava. Não se permitia manter uma ligação afetuosa com uma matrona, símbolo do matrimônio e da fertilidade. Visto que, "a fecundidade humana possuía um caráter sagrado; portanto o casamento era um ato solene, especialmente quando realizado entre famílias que assim uniam suas descendências"⁸⁹. Mas nos interessa, em particular, a atuação de Fótis na casa de seus senhores e a maneira pela qual envolve seu amante.

Responsável pela organização doméstica, mantém um alto grau de autonomia no interior da casa. Esta função cabia a matrona. Tamanha era a liberdade, que seduziu um hóspede e manteve com ele um relacionamento amoroso sem que seus senhores soubessem. Lúcio descreve como Fótis preparou o primeiro encontro: "a cama dos

⁸⁷ Apuleio, *op. cit.*, p. 30.

⁸⁸ *Ibid.*, p. 31.

⁸⁹ GRIMAL, P. *O amor em Roma*. São Paulo: Martins Fontes, 1991. p. 06/07.

escravos tinha sido arranjada no chão, fora e longe do quarto, sem dúvida a fim de afastar qualquer testemunha dos nossos encontros noturnos.⁹⁰

Além de seu desembaraço, na casa de seus senhores, observamos o seguinte diálogo entre Lúcio e Fótis:

Que fino cozido preparas! Feliz, sim certamente, e favorecido pelo destino, aquele a quem permitires enfiar o dedo ai (...) "Salva-te, desgraçadinho, arreda-te para bem longe do meu fogão. Se a menor faísca te atingir, queimarás até a medula, e ninguém extinguirá o braseiro, senão eu, que conheço as boas receitas e sei fazer dançar agradavelmente uma caçarola - e um leito".⁹¹

Fótis o envolve com muito erotismo e astúcia. Estas palavras emanam sensualidade e desejo. Em certa passagem, determina até o momento do ato sexual, 'tem piedade de mim', eu lhe roguei "socorre-me depressa. Como vês, minhas forças estão tensas à aproximação do combate que me anunciaste, sem proclamação do fecial."⁹²

Temos uma mulher distante das normas tradicionais, daquelas normas que atribuíam às mulheres apenas um papel submisso, onde o homem tudo controlaria e comandaria. Especialmente para uma escrava. Como ressalta Herman Hofmann, "a vida da maioria dos cidadãos - aquela dos escravos era ainda muito pior! - era de um nível radicalmente mais modesto. Amontoados em habitações estreitas e pobremente mobiliadas, deviam trabalhar duro para ganhar seu pão."⁹³

Além disso, Apuleio tem o cuidado de impor marcas ao diálogo erótico entre Fótis e Lúcio, isso manifesta-se sob a égide das imagens sociais: o espaço da cozinha para

⁹⁰ Ibid., p. 35.

⁹¹ Ibid., p. 31.

⁹² APULEIO, *Op. Cif.*, p. 35.

⁹³ HOFMANN, K citado por, FUNARI, P. P. Abreu. *Cultura popular na Antiguidade Clássica*. São Paulo: Contexto, 1995. p. 23.

a mulher ("sei fazer dançar agradavelmente uma caçarola - e um leito".) e as imagens cívicas para o homem ("minhas forças estão tensas à aproximação do combate que me anunciastes, sem proclamação do feicial"). Institui-se, portanto, as ocupações e responsabilidades, que competia a cada um dos dois na sociedade. Com isso Apuleio torna ainda mais ridículo o comando de Fótis. A caçarola dominava as armas e Apuleio, horrorizado com isso, tenta alertar seus contemporâneos.

A mulher ao concentrar sua atuação social em casa não implica termos uma mulher menos apta à busca de maior autonomia individual. Pois, "a mera localização das mulheres no espaço doméstico-privado não caracteriza uma violência contra as mulheres"⁹⁴ A coação se efetiva, de fato, quando definimos "o espaço privado não como espaço da privacidade e da intimidade, mas como lugar da privação. Estar (...) circunscrito ao espaço privado é estar privado da relação com os outros pela palavra e pela ação na construção e nas decisões concernentes ao mundo comum, i. e., à existência política".⁹⁵ A historiografia representa satisfatoriamente esta definição ao afirmar que as romanas são vítimas dessa privação, por serem apêndice doméstico do homem, que raras vezes se subtraem à sua posição de *domina domi* e, quando o fazem, é para prejuízo do "bem público". Contudo, observamos claramente as reações de transgressão da personagem Fótis, que se mostra distante do ideário de mulher submissa. Ao se valorizar apenas a atuação político-institucional como signo de autonomia social, a historiografia deixa de

⁹⁴ CHAUI, Marilena. *Perspectivas antropológicas da mulher*. Rio de Janeiro: Zahar, s/d. p. 33.

⁹⁵ ARENDT, Haima. *A condição humana*. Forense Universitária, 1981, citado por, CHAUI, *op. cit.*, p. 33.

apreender as estratégias de afirmação feminina que alimentavam outros espaços de ação social.

Em outra passagem, Fótiis participa da preparação de um ritual ao deus Riso, no qual Lúcio seria vítima de ridículo. Esta festa consistia em aplicar uma brincadeira a um visitante, onde toda a comunidade participava com o objetivo de dar muitas gargalhadas. Porém, ao terminar a festa, nosso protagonista, ficou aborrecido por ter sido enganado pela amante. Então, Fótiis argumenta:

Fui eu mesma, confesso, que te proporcionei esta desgraça (...) Não creias, todavia, que te causei desgosto voluntariamente. Não praza aos deuses que tenhas de sofrer por minha causa o mais ligeiro dissabor. (...) Mas do que fiz, cumprindo ordens, e com outra intenção, minha má sorte fez recair sobre ti as abomináveis consequências.⁹⁶

Tal argumento surgiu sob a ameaça de perder o amante.

É neste ponto, que Apuleio impõe a Fótiis uma tomada de decisão. Fótiis, por um lado, tinha o conhecimento do interesse de Lúcio pelas artes mágicas e se revelasse os segredos de sua ama não perderia o amante,

"estou tremendo, estou cheia de horror, ao pensar em revelar o que sucede nesta casa, e ao pensar em desvendar os segredos misteriosos de minha ama (...) sei que, iniciado como és em mais de um culto, conheces seguramente a santa lei do silêncio."⁹⁷

Por outro lado, arriscava-se, ao trair Panfilia, revelando a Lúcio seus segredos. Isso significava uma aposta: trocar uma situação mais estável por outra instável. O relacionamento com Lúcio era proveitoso, devido à possibilidade que lhe abriria de

⁹⁶ Apuleio, *op. cit.*, p. 50.

⁹⁷ *Ibid.*, p. 50.

comprar sua liberdade. Como liberta poderia ser concubina⁹⁸, pois na condição de escrava a legislação romana não permitia este tipo de união.

Na realidade, buscava proteção material e melhoria da sua posição social. Não equivaler-se a Lúcio, mas promover-se. Estamos em uma sociedade que valorizava as hierarquias sociais; uma sociedade que privilegia um grupo limitado de pessoas, os cidadãos, grupo em que não se integrava um número considerável de indivíduos." Fótis, como escrava, não poderia ser sequer concubina de Lúcio. É muito natural a estratégia de Fótis de buscar ligar-se a Lúcio. Para isso ser possível ela teria que ser liberta com condições materiais mínimas à sobrevivência, contando, para isso, com o auxílio do amante poderoso. Daí sua aposta na intensificação de seus laços com Lúcio com risco de perder a confiança da senhora e a autonomia de que gozava naquela casa.

Essa estratégia é adjacente àquela vivida pela "esposa do jornaleiro", que vive inserida no núcleo masculino, usando da união matrimonial como estratégia de afirmação social. Utiliza-se da condição de dona-de-casa para conseguir sua autonomia afetiva, mantendo amantes e afastando-se pelo casamento do modelo de dominação que deveria coibir tal comportamento. Fótis é sensível à idéia da utilização da união com um homem de boa posição social como forma de "alcançar" uma nova situação social. Assim, ambas utilizam os mecanismos que deveriam oprimi-las e controlá-las para escapar ao controle e à opressão. E essa perversão que Apuleio quer atacar.

⁹⁸ As concubinas eram mulheres com a qual o homem, casado ou não, dormia habitualmente. Não se permitia, contudo, que um homem casado tivesse mais de uma concubina. Pois "o concubinato precisava também se parecer em tudo com o casamento; a concubina - no segundo e o único sentido honroso da palavra - devia ser livre". Ver em VEYNE, Paul. "A casa e seus libertos". In: *História da vida privada: do império romano ao ano mil*. São Paulo: Companhia das letras, 1989.

Iniciemos, por fim, a análise da personagem Méroe. Lúcio, o personagem narrador, ao fazer a viagem à Tessália, conhece um homem chamado Aristômenes que conta-lhe a seguinte história: guiado pelo desejo de comprar queijo fresco mais barato, em Hípata, encontra o amigo Sócrates, que a família dava por morto. Estando Sócrates em total miséria, leva-o a um estabelecimento de banho, dá-lhe um bom repasto e o abriga em uma estalagem. Em seguida, Sócrates conta-lhe que tinha fugido das garras de uma terrível mulher. Ao voltar da Macedônia a trabalho, resolvera parar em Larissa para assistir a um espetáculo de gladiadores. Aí, um bando de ladrões o atacou. Sem ter para onde ir, pediu ajuda a uma velha estalajadeira, Méroe. Ela consente em ajudá-lo. Contudo, Méroe o faz por ter se apaixonado por Sócrates, a quem reterá, contra sua vontade. Esse se vê indefeso. Ele descobre, tarde demais, que a estalajadeira é dona de bordel e uma poderosa feiticeira. Mantém a cidade tendo um pavor generalizado de si, pois os cidadãos temiam ser vítimas de sua feitiçaria. Graças a tais poderes, Méroe ouve a conversa entre Sócrates e Aristômenes. Irada com o relato do amante, mata-o sem que Aristômenes pudesse reagir a violência.

A personagem Méroe é representada no universo cotidiano como uma figura aparentemente atípica dentro do quadro construído por Apuleio, pois suas ações são completamente independentes do domínio masculino. Nenhuma outra personagem foi apresentada assim. Para lembrar um exemplo, Méroe defende-se sozinha ao sentir-se ameaçada:

“O dono de uma casa de prazer vizinha, e, que, por isso mesmo, lhe fazia concorrência, foi trocado por ela em rã. Agora, o velho nada no tonel e,

⁹⁹ SALLES, C. *Nos submundos da antiguidade*. São Paulo: Brasiliense, 1987. p.280.

mergulhado no limo, saúda com toda a cortesia, (...) aqueles que outrora vinham beber seu vinho."¹⁰⁰

Com isso, Méroe desvia-se do uso de vínculo matrimonial, que era considerado um dever cívico ou do concubinato. Isso causa estranheza em uma sociedade em que, a partir da proeminência social consolidada no nível doméstico, a mulher podia se impor noutros espaços de sociabilidade. É isso o que ocorre com todas as mulheres do romance¹⁰¹. Psique, por exemplo, em seu conto, tem todo o relato que a envolve permeado pelo conflito que se estabeleceu em função do fato de não conseguir uma união conjugal: 'todos a contemplavam, (...) mas ninguém, nem rei, nem príncipe, e, à falta destes, nem homem da plebe desejava sua mão ou se apresentava para obtê-la".¹⁰² Méroe, contudo, não era casada e vivia rodeada de amantes. O próprio Sócrates narra com pesar a facilidade com que ela o envolveu:

fui procurar abrigo em casa de uma estalajadeira chamada Méroe, muito agradável, apesar da idade. Contei-lhe as circunstâncias de minha longa viagem, as angústias da volta (...) Tratou-me, no começo, de modo muito humano; ofereceu-me um generoso repasto e, mais que depressa, no fogo do desejo, fez-me partilhar do seu leito¹⁰³.

Apuleio ao representá-la de forma distinta apresenta-nos igualmente uma preocupação quanto às mudanças de sua época. Méroe parece ser a seus olhos o modelo do que se tornariam as mulheres, caso continuasse a liberalização que simbolizam as personagens Fótiis e a "esposa do jornaleiro". Logo, a sociedade romana, segundo o

¹⁰⁰ APULEIO, *O asno de ouro*, p. 19.

¹⁰¹ Analisamos as demais mulheres em outras seções dessa Monografia e em dois outros textos: OMENA, L. M. *O casamento romano no século II d. C. em O asno de ouro de Apuleio*. Trabalho apresentado no X Encontro Regional de História à ANPUH - MG, 1996 (exemplar datilografado) OMENA, L. M. *As mulheres ricas e o casamento em O asno de ouro, de Apuleio*. Trabalho apresentado no XIX Simpósio Nacional de História à ANPUH - MG, 1997 (exemplar datilografado)

¹⁰² HM., p. 73.

autor, desgastar-se-ia pelas atitudes inconsequentes das mulheres. Não é à toa, que

Sócrates conta que Méroe desestabilizou a ordem social de toda uma cidade, controlando-a:

decidiu-se que, no dia seguinte, fos cidadãos] castigá-la [Birrena] -iam sem piedade, lapidando-a . Porém, ela previu o plano (...) operando sobre uma cova, (...) manteve todos os habitantes da cidade fechados em suas casas pela força muda das potências divinas (...) Por fim, pela instigação de uns e de outros (...) gritaram e juraram, (...)que nenhum deles levantaria a mão contra ela (...) Sob estas condições (...) abrandou e libertou a cidade inteira.¹⁰⁴

Portanto, o pensamento apuleiano baseia-se numa retomada dos antigos valores morais que estavam se diluindo e dando lugar a inúmeros adultérios, casamentos instáveis. Como observa Robert: "são raros os casamentos tão duráveis, não interrompidos pelo divórcio".¹⁰⁵

Apuleio, contudo, mais do que recriminar as atuações de autonomia feminina faz uma crítica tenaz ao descaso masculino. O romance é um tipo de precaução quanto aos rumos de declínio que vem ocorrendo no universo romano. Em especial, pela mudança de comportamento das mulheres. Tal alerta perpassa toda a postura de Méroe, que vive completamente afastada do núcleo masculino, quanto das outras duas, que mesmo vinculadas à idéia de casamento e concubinato utilizam-no para interesse próprio, desvirtuando sua finalidade social. Portanto, Méroe representa o caso limite a que se chegaria se os homens nada fizessem, Fótis e a "esposa do jornaleiro", mostram as mulheres que surgiam em razão dos homens não as controlarem. Assim, concluímos que

¹⁰³ Ibid., p.18.

¹⁰⁴ Apuleio, *op cit*, p. 19.

¹⁰⁵ ROBERT, Jean-Noël. *Os prazeres em Roma*. São Paulo: Martins Fontes, 1995. p. 189.

o casamento romano, tal qual nos mostra a historiografia, era algo que era desejado pelos

homens romanos (e, talvez, pelos homens historiadores), mas que não corresponde à realidade vivida por homens e mulheres daquele tempo.

IX - Conclusão.

Ao estudarmos as imagens produzidas neste romance, deparamo-nos com diversas ações femininas no cotidiano, que despertaram nos homens insatisfação. Isso os faz lembrar com saudades das mulheres antigas. Um exemplo disso é percebido no conto de Psique e Cupido, no qual Apuleio faz uma representação dessas mulheres projetada na jovem protagonista do conto que, ao final, é divinizada. Psique, depois de uma série de reviravoltas, perde seu marido. Para retomá-lo, será colocada à prova. Psique sacrifica-se por seu marido e virara deusa. Já nos outros casos analisados -Birrena, Panfília, a escrava Fótiis entre outras -, Apuleio mostra mulheres não-divinas. No mundo das mortais, temos que a busca de posturas mais autónomas por parte das mulheres é generalizada. Esse afastamento a uma situação de dependência com relação ao elemento masculino é duramente criticado por Apuleio. Essas mulheres refletem a negação dos valores tradicionais, isto é, aqueles que visam manter a mulher como suplemento doméstico do homem.

Essa análise da atuação feminina se deu através de um opção específica de análise: separar as mulheres entre ricas e pobres. Quando as dividimos em dois grupos distintos, podemos descobrir as semelhanças e diferenças entre elas. Daí temos a possibilidade de identificar o que as ligava de maneira geral, mesmo que tivessem vidas socialmente diferentes. Isso porque, não havia uma "mulher romana". Ou seja, na Antiguidade Clássica não tínhamos um padrão de luta por uma existência mais autónoma das mulheres que caracterizasse um movimento coletivo. O que se tem são ações isoladas que tendiam ao fortalecimento masculino ou feminino.

Essa estratégia de análise comparativa nos forneceu uma melhor compreensão da instituição matrimonial. Instituição que se moldava de acordo com a variação de posições sociais. Isto é, o casamento nas camadas pobres e ricas possuía particularidades. A elite, por exemplo, apoia-se nas uniões familiares objetivando o patrimônio, como também, as alianças políticas. Daí a importância da procriação como discurso justificador do matrimônio. Será no uso dessa capacidade reprodutiva, portanto, que esta mulher terá uma abertura rumo a sua autonomia social. Enquanto, a mulher pobre terá função diversa dentro do casamento, pois não possui uma condição destacada, nem do ponto de vista financeiro nem no que tange a perpetuação de uma família tradicional. Ou seja, terá um tipo de estratégia diverso com relação àquele de que faz uso a mulher rica.

Tendo em vista essa multiplicidade de estratégias (dentro, também, de uma mesma camada social), analisamos as personagens Panfilia, Birrena e Psique. Todas pertencentes à elite. Panfilia, por exemplo, mantém alguma autonomia utilizando-se das artes mágicas (considerado um saber técnico). Enquanto a personagem Birrena apoia-se em uma forma particular de exercício das suas atribuições conforme uma ordem mais tradicional de casamento, i. e., ajusta aos seus interesses particulares suas funções de esposa.

Da mesma maneira as mulheres pobres "aceitam" as convenções da sociedade romana, ajustando-as em proveito próprio. Confirmamos tal hipótese nos três casos analisados: "a esposa do jornaleiro", Fótis e Méroe. No primeiro, a personagem utiliza estrategicamente o matrimônio como forma de afirmação social. Sua condição de *domina domi* lhe proporciona uma autonomia efetiva, mantendo, às furtadelas, um amante em sua

casa. Esta personagem apuleniã, ao procurar relações que extrapolam as paredes de seu lar, traz à luz uma prática feminina contraventora à tradição masculinizada e que, portanto, preocupava o autor de *O asno de ouro*. Fótiis, numa atitude similar, aproveita-se da possibilidade de unir-se com um homem de posição elevada para alçar-se a uma nova situação social. Méroe, por outro lado, será representada de forma distinta no romance. Pois as personagens Panfília, Birrena, Psique, "esposa do jornalista e a Fótiis utilizam o casamento ou o concubinato como uma estratégia de afirmação social Méroe, contudo, utilizará a magia como fonte de autonomia, além de ser dona de bordel. Com isso, Apuleio introduz, na postura de Méroe, um completo afastamento com relação ao núcleo masculino. Ao ver de Apuleio, isso sinalizaria uma possível catástrofe para a sociedade, caso outras mulheres a tomassem como *exemplum*. Enquanto, as outras personagens representam um mal aos olhos de Apuleio, ou seja, mulheres que escaparam ao controle dos homens; Méroe é o caos, é a ausência completa de controle masculino sobre a mulher.

Afinal, parece-nos que, em função da progressiva desaparecimento do ideal de mulher antiga como algo efetivamente existente, a instituição familiar no século II de nossa era se transformou a ponto de termos uma relativa liberalização da condição dos filhos e, mais especialmente, das esposas frente ao *pater familias*. Há, nesse momento histórico, uma disputa quanto a qual deva ser a situação da mulher. E é essa disputa que Apuleio nos traz de forma viva através dos retratos que faz de suas personagens femininas. Um retrato dinâmico que mostra e se coloca frente a essas lutas, diversamente do que fazem as leis, que as cristalizam.

Os historiadores, em sua maioria, dão importância a essa face legal do matrimônio. Damos ênfase à realidade cotidiana dessa, representada pelas projeções ficcionais construídas por Apuleio, Ali fica claro que essa face pública (a legal) não era a única e, cremos, que sequer era a mais importante.

O casamento era uma instituição fundamental, que ao associar indivíduos, posicionava-os socialmente. Do matrimônio dependia toda a estrutura de propriedade. Além disso, garantia a manutenção do culto familiar e a instituição da cidadania, que também exigia uma sucessão regular de descendentes legítimos.¹⁰⁶ Ou seja, o casamento assegurava a estabilidade política, na medida em que era meio pelo qual se formavam as uniões entre famílias e ao mesmo tempo, a continuação delas. Apesar dessa noção do casamento incluir essa esfera do interesse público, ele se constituía também e predominantemente em uma instituição privada. A capacidade de intervenção e controle do Estado era mínimo. O casamento comportava ainda um sentido semi-público, pois havia um consentimento da família e da comunidade, conforme o caso, como testemunhas.¹⁰⁷ Isso ocasionará um potencial conflito entre os interesses do núcleo familiar, das famílias das quais provém os cônjuges e do Estado, pois não podiam interferir em uma instituição privada; mesmo porque, "em última instância, somente os cônjuges sabiam se estavam casados".¹⁰⁸

¹⁰⁶ FINLEY, M. I. *Aspectos da Antiguidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1991. p. 155.

¹⁰⁷ O autor Cl. VATTN, *Recherches sur le mariage e la condition de la femme mariée à l'époque hellénistique*, p. 177-178, discorre sobre este assunto dizendo: "É claro que o casamento saiu, a partir (...) do quadro das instituições familiares (...) é também uma instituição cívica: quer seja por meio de um funcionário ou de um padre, é sempre toda a cidade que sanciona o casamento".

¹⁰⁸ VEYNE, P. *História da Vida Privada: do Império Romano ao Ano Mil*. São Paulo: Companhia das letras, 1989. p 50.

Os homens romanos consolidaram nas leis que regulavam o matrimônio seu desejo de manter sob controle as mulheres. Tentaram excluir as mulheres de todos os meios sociais, e até mesmo, afastá-las da história. Tal idéia também foi corroborada pelos homens historiadores de nosso tempo. Contudo, desprezaram a própria natureza do ser humano, que independentemente de sua posição social, convive e atua com o meio em que habita. Ou seja, "todo homem está sempre e em todo lugar, mais ou menos conscientemente representando um papel"¹⁰⁹. As romanas, ao desempenharem seu papel no casamento, fizeram-no em atenção a seus interesses. Com isso, transformavam o casamento profundamente com relação à norma legal sem desrespeitá-la frontalmente. Enfim, elas se utilizaram dos mecanismos de opressão para escapar ao controle.

¹⁰⁹ GOFFMAN, Erving. *La presentación de la persona en la vida cotidiana*. Buenos Aires: Amorróruu Editores, 1922. p. 249.

X. BIBLIOGRAFIA.

- ABBAGNANO, Nicola. *História da Filosofia*. Lisboa: Presença, vol. II, p. 83/94.
- APULEIO. *O asno de Ouro*. Trad. Ruth Guimarães. Rio de Janeiro: Ediouro, s/d.
- ARAÚJO, H. Reis. "Entrevista com Michelle Perrot." *ProjetoHistória*. São Paulo, 1993.
- ALFÖLDY, G. *História Social de Roma*. Lisboa: Editorial Presença, 1989.
- ARIES, Philippe and BÉJIN, André (orgs). *Sexualidades Ocidentais*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- AYMARD, A & AUBOYER, J. *Roma, e seu Império: As Civilizações da Unidade Romana*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1963.
- BORNECQUE, H. and MARNET, P. *Roma e os Romanos*. São Paulo: EPU/EDUSP, 1976.
- BENABOU, Mareei. "Pratique matrimoniale et representation philosophique, la crépuscule des stratégies." *Annales: Economies, Sociétés, Civilisation*. vol. 06, novembre-décembre, 1957.
- BOUDON, Raymond (org.). "O primeiro princípio da sociologia da ação". In: *Tratado de Sociologia*. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.
- CALVINO, Ítalo. *Por que ler os clássicos*. Trad. Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- CAMPOS, Adalgisa. "A representação da mulher na Antiguidade Clássica". *Cadernos do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre a mulher*. UFMG, 6 (1988).
- CARVALHO, M. M. & GONÇALVES, A. T. M. "Mulher romana e o casamento na obra de Apuleio". *História*, vol. 12, UNESP, 1993.
- CARCOPINO, Jérôme. *Roma no Apogeu do Império*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CASTRO, Hebe. "História Social". In: CARDOSO, C. Flamarion e VAINFAS, Ronaldo (orgs.). *Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

- CHUÍ, Marilena. Participando do debate sobre mulher e violência. In: *Perspectivas antropológicas da mulher (v. 04)*. Rio de Janeiro: Zahar, s/d.
- CORBIER, Mireille. "Les comportements familiaux de l'aristocratie romaine." *Annales: Économies, Sociétés, Civilisation*. 06, novembre-décembre, 1987.
- CORSUS, F. Le. *Plutarque et les Femmes*. Paris: Les Belles Lettres, 1981.
- CUATRECASAS, Alfonso. *Erotismo no Império Romano*. Trad. de Graziela Rodriguez. Rio De Janeiro: Record, 1997.
- D'APULÉE. *Vasne d'or*. Trad. de Victor Bétolaud. Paris: garnier Frères, Libraires-Éditeurs, 1891.
- DARNTON, Robert. "Os intermediários esquecidos da literatura". In: *O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- _____. "História e Literatura", n: *O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- DICIONÁRIO de mitologia grega e romana. 2ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, s/d.
- DUBY, Georges & PERROT, Michele (org.). *História das Mulheres*. Lisboa: Afrontamento, 1990.
- ELSTER, Jon. *Peças e engrenagens das ciências sociais*. Trad. António Trânsito. Rio de Janeiro: Reúme-Dumará, 1994.
- EURÍPIDES. *As troianas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1991.
- FAU, Guy. *L 'émancipation féminine dans la Rome antique*. Paris: Les Belles Lettres, 1978.
- FINLEY, M. I. *Aspectos da Antiguidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- FRIEDLAENDER, L. *La Sociedad Romana: História de los Costumbres en Roma desde Augusto hasta los Antoninos*. México: Fondo de Cultura Económica.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade, 3: o cuidado de si*. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

- FUNARI, Pedro Paulo Abreu. *Cultura Popular na Antiguidade Clássica*. São Paulo: Contexto, 1989.
- _____. "Romanas por elas mesmas". *Pagis Núcleo de Estudos de Género/ UNICAMP*, Campinas, vol. 5, 1995.
- GABORIAU, M. "Antropologia estrutural e história". In: LIMA, Luiz Costa. *O Estruturalismo de Lévi-Strauss*. Rio De Janeiro: Vozes, 1968.
- GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição*. São Paulo: Companhia das letras, 1987.
- GIORDANI, M. C. *História de Roma: Antiguidade Clássica*. Petrópolis: Vozes, 1972.
- GRIMAL, P. *A Civilização Romana*. Lisboa: Edições 70, 1984.
- _____. "Os prazeres da cidade." In: *A Civilização Romana*. São Paulo: Edições 70, 1984.
- _____. *O Amor em Roma*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*, Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1922.
- LISSARRAGUE, F. "A figuração das mulheres". In: DUBY, Georges & PERROT, Michelle (eds.). *A História das Mulheres no Ocidente*. Porto: Afrontamento.
- MASSEY, Michael. *As mulheres na Grécia e Roma Antiga*. Men Martins, Europa-América, 1989.
- MAZZARINO, Santo. "O casamento na sociedade romana tardia." *O Fim do Mundo Antigo*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- MESLIN, Michel. *UHomme Romain: des Origens au Premier Siècle de Notre Ere*. Paris: Éditions Complexe, 1985.
- NICOLET, Claude. "Les liens d'homme a homme". *Rome et la conquête du monde méditerranéen les structures de L Italie Romaine*. Nouvelle Clio: FHistoire et ses problemes.
- PANTEL, P. Schmitt. "A história das mulheres na história da antiguidade, hoje". In: DUBY, G. & PERROT, M. *História das mulheres no Ocidente*. Lisboa: Afrontamento, 1990.

- PAOLI, Maria Célia. Mulheres: lugar, imagem, movimento. In: *Perspectivas antropológicas da mulher* (v. 04). Rio de Janeiro: Zahar, s/d.
- PETRÔNIO. *Satyricon*. Trad. de Paulo Leminski. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- PETIT, Paul. *La paz romana*. Barcelona: Editorial Labor, 1969.
- PICCAROTO, A. *Augusto e seu Século*. São Paulo: USP/Boletins da Faculdade de Ciências e Letras, 1939.
- PLATÃO. *A República*. Fundação Calouste Gulbenkian, 1949.
- ROBERT, Jean-Noël. *Os prazeres em Roma*. Trad. de Marina Appenzeller. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- ROUSELLE, Aline. "Vivre sous deux droits: la pratique familiale poly-juridique des citoyens romains juifs." *Annales: Economies, Sociétés, Civilisations*. vol. 04, juillet-octobre, 1990.
- _____. *Pornéia: Sexualidade e Amor no Mundo Antigo*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- _____. "A política dos corpos: entre procriação e continência em Roma. In: DUBY, G. & PERROT, M. *História das mulheres no Ocidente*. Lisboa: Afrontamento, 1990.
- ROSTOVITZ, M. *História de Roma*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1977.
- SALLER, Richard P. *Patriarchy, property and death in the Roman family*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.
- SALLES, Catherine. *Nos Submundos da Antiguidade*. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- SILVA, G. V. "Política e magia no IV século. *Revista de História*, n° 6, 1996.
- SHEID, John. "Estrangeiras indispensáveis: os papéis religiosos das mulheres em Roma. In: DUBY, Georges & PERROT, Michelle (eds.). *A História das Mulheres no Ocidente*. Porto: Afrontamento.
- SCOTT, J. "História das mulheres". In: BURKE, P. (org.) *A escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo: UNESP, 1992.

SOIHET, Rachel. "História das Mulheres". In: CARDOSO, C. Flamarion e VAINFAS, Ronaldo (orgs.). *Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

SULLEROT, Evelyne. *Historia y sociologia dei trabajo femenino*. Barcelona: Edicions 62, 1988.

THOMAS, Yon. "A divisão dos sexos no direito romano." DUBY, Georges; PERROT, Michelle (eds.). *A História das Mulheres no Ocidente*. Porto: Afrontamento.

VEYNE, Paul. *História da Vida Privada: do Império Romano ao Ano Mil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

_____. *História da Vida Privada: do Império Romano ao Ano Mil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

_____. *La société romaine*. Paris: Éditions du Seuil, 1990.

VEGA, M. J. Hidalgo de ía. *Sociedad e Ideologia en el império Romano: Apuleyo de Madaura*. Salamanca: Universidad de Salamanca, 1986.

VANDENBERG, Philipp. *Nero: imperador e deus artista e bufão*. Rio de Janeiro: Zahar. 1986.

